



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE BACHARELADO EM LETRAS LIBRAS

**METÁFORAS EM LÍNGUA PORTUGUESA E A TRADUÇÃO PARA A
LIBRAS EM MATERIAL DIDÁTICO BILÍNGUE**

PATRÍCIA RIBEIRO NACHTIGALL

Florianópolis

2015



PATRÍCIA RIBEIRO NACHTIGALL

**METÁFORAS EM LÍNGUA PORTUGUESA E A TRADUÇÃO PARA A
LIBRAS EM MATERIAL DIDÁTICO BILÍNGUE**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido
à Universidade Federal de Santa Catarina
como parte dos requisitos necessários para a
obtenção do Grau de Bacharel em Letras
Libras. Sob a orientação da Prof^a. Dr^a.
Neiva de Aquino Albres.

Florianópolis

2015

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autora: PATRÍCIA RIBEIRO NACHTIGALL

Título: **METÁFORAS EM LÍNGUA PORTUGUESA E A TRADUÇÃO PARA A LIBRAS EM MATERIAL DIDÁTICO BILÍNGUE**

Local: Florianópolis - UFSC

Data: 03 de julho de 2015

COMISSÃO JULGADORA:

Prof^ª. Dr^ª. Neiva de Aquino Albres

Presidente da Banca – Orientadora (UFSC)

Prof^ª. Dr^ª Silvana Aguiar dos Santos

Membro (UFSC)

Prof. Dr. Carlos Rodrigues

Membro (UFSC)

Prof. Mestre José Ednilson Gomes de Souza Junior

Membro Suplente (UFSC)

Dedico este trabalho, por tudo, à minha
mãe, Elenir Nunes Ribeiro (*in memoriam*).

“No fim do caminho tua presença será reconhecida pelo que tiver feito e não pelo que tiver pensado ou sonhado. Tuas ações são a medida de teu ser, é a porta mediante a qual Tu podes compartilhar com o mundo aquilo que pensas tudo que te emociona, teus sonhos, tuas venturas e desventuras. Ser humano é ser uma sofisticada máquina de ação, por isso, luta! Enfrenta essa sombra interior que te enche de pudor e timidez e atreve-te a errar, porque entrar em ação não te garante sucesso ininterrupto, porém, abster-te da ação seguramente te conduzirá à frustração. Demonstra a tua própria alma que ages independentemente de todos os dilemas que te atormentam interiormente. Tua ação produzirá frutos, tuas obras falarão o que não consegues explicar.”

Oscar Quiroga.

Agradecimentos

Sou grata, em primeiro lugar, à minha melhor amiga e mãe que nos vários momentos em que pensei em desistir estava lá com seu amor, com sua força e sabedoria mostrando-me que lutar sempre vale a pena

Aos professores pela paciência e pelos ensinamentos no decorrer desta trajetória acadêmica

Aos tantos amigos surdos e ouvintes que fiz e que contribuíram para o meu desenvolvimento pessoal e acadêmico

À minha amiga e namorada por toda compreensão, ajuda e amor que me proporcionou durante a realização deste trabalho.

Resumo

O presente trabalho descreve as formas adotadas para a tradução de metáforas da língua portuguesa para a língua brasileira de sinais em material didático do ensino fundamental pensado para a educação bilíngue na esfera pública. A metáfora faz parte da natureza humana no que concerne ao pensamento e à linguagem e sua interpretação é individualmente realizada. Partindo deste ponto, percebeu-se a necessidade de descrever e compreender as formas utilizadas para representar a metáfora, sendo que cada tradutor utiliza formas com as quais se identifica e julga serem adequadas a partir da sua interpretação pessoal e conhecimento de mundo. Para descrever e compreender as formas utilizadas na tradução foi realizado um processo de pesquisa qualitativa de caráter analítico-descritivo tomando como base para a análise a teoria Enunciativo-Discursiva e para a discussão nos Estudos da Tradução, Weininger apresenta um panorama composto por diversos autores e teorias. Num primeiro passo, selecionamos o corpus e realizamos o levantamento das metáforas em português por meio da leitura e interpretação minuciosas dos quatro livros didáticos de língua portuguesa de primeira a quarta série. Em seguida, montamos as tabelas separadamente para fins de organização dos dados com o número da página, unidade de análise, sentido pretendido e gênero textual em que foram identificadas as metáforas. Então, assistimos as traduções em língua de sinais categorizando-as de acordo com o sentido. Com as análises, constatou-se que a adequação da tradução ao público alvo é essencial, porém comporta certo dilema, uma vez que as metáforas em português contidas nos livros diferem consideravelmente da cultura a que pertence a língua de sinais, assim se mantidas não fazem sentido ou se traduzidas pelo sentido pode ocorrer a desconstrução da metáfora. Contudo, os tradutores, em sua maioria, buscaram utilizar formas que conservassem o sentido pretendido a fim de alcançar o público alvo e, quando possível, buscando expressões metafóricas correspondentes em Libras.

Palavras-chave: Tradução, Metáfora, Material bilíngue, Libras.

Abstract

The present work describes the strategies adopted to the translation of metaphors from Portuguese Language into the Brazilian Sign Language in a material thought out for the bilingual education in the public sphere. The metaphor is part of human nature regarding the thinking and the language and its interpretation is individually done, from this point, it was realized the necessity to comprehend and describe the ways used to represent the metaphor as each translator uses his or her forms, which they judge being appropriate analyzing from their own worldly wisdom. To describe and understand the forms that were used in translation it conducted a qualitative research, which is analytical-descriptive based on the Discursive Enunciative Theory of Metaphor and for discussion in Translation Studies , Weininger presents a panorama composed of several authors and theories. At first, we selected the corpus and realized the study of metaphors in Portuguese by reading and interpreting the first four Portuguese books used from the first to the fourth year at school. Then, we built the tables separately in order to organize data in number of page, analysis unit, intended meaning and textual genre, where the metaphors were identified. Then we watched the translations into Sign Language characterizing then according to their purpose. With the analysis it was possible to determine that the appropriateness of the translation for the target public essential, however, it holds a certain dilemma, once the metaphors in Portuguese which are found in the books are considerably different from the Sign Language Culture, so, if kept translated they don't make sense, or, if translated through the sense, it is possible to occur the deconstruction of the metaphor. However, most translators try to find translation strategies which keep the intended sense in order to reach the target public, and, when it is possible, looking for metaphoric expressions corresponding to the Libras.

Keywords: Translation, Metaphor, Bilingual material, Libras.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO – TEMA E PROBLEMATIZAÇÃO.....	10
2.ESTUDOS DA TRADUÇÃO E O PROBLEMA DA TRADUÇÃO DE METÁFORAS	12
2.1Metáfora	12
2.1.1 Visão tradicional	11
2.1.2 Visão cognitivo-conceitual.....	15
2.1.3 Visão enunciativo-discursiva.....	20
2.2 Equivalência e correspondência nos Estudos da Tradução.....	23
2.3 Tradução pelo sentido da metáfora	28
3.METODOLOGIA DE PESQUISA	37
3.1 Tipo de pesquisa	31
3.1.1 Objetivo Geral.....	32
3.1.1.1 Objetivos Específicos.....	32
3.2 Procedimentos metodológicos.....	32
3.3 Estabelecimento de amostra	33
3.4 As técnicas de coleta de dados	33
3.5 Procedimentos de análise de dados.....	37
4.DESCRICÃO DAS TRADUÇÕES DAS METÁFORAS DO PORTUGUÊS PARA A LIBRAS.....	38
4.1 Contextualização histórica da produção dos livros em Libras.....	38
4.2 Descrição das traduções.....	39
4.2.1 Categoria 1.....	41
4.2.2 Categoria 2.....	46
4.2.3 Categoria 3.....	50
5.CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
6.REFERÊNCIAS	58
7.APÊNDICES.....	60

INTRODUÇÃO

Este trabalho pode contribuir com a educação de crianças surdas e com o campo dos Estudos da Tradução ao descrever as formas utilizadas na tradução de metáforas da língua portuguesa para a Língua Brasileira de Sinais em materiais didáticos pensados para educação bilíngue.

Desde o nascimento, estamos cercados por metáforas. Nossa vida e nossos pensamentos são constituídos por elas. Independentemente de classe social, cultura ou idade, as metáforas fazem parte da natureza humana e são intrínsecas à linguagem, presentes no modo como expomos, interpretamos e construímos nossos pensamentos.

A pesquisa nesse contexto surgiu do anseio em compreender sobre a linguagem em uso e o processo de tradução de metáforas da língua portuguesa para a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Um dos principais questionamentos iniciais foi: Será que os tradutores mantêm a metáfora ou traduzem de forma que a metáfora desaparece? Além disso, o desafio está no fato de que a metáfora, além de ser construída pela relação com o mundo, tem sua interpretação realizada individualmente e variada de acordo com o contexto em que está inserida. Tais características também são encontradas no processo de tradução o qual é realizado conforme a interpretação do tradutor e diretamente ligado ao contexto sociocultural em que se encontram o tradutor e o texto de partida.

Portanto, pretendemos contribuir com o campo dos Estudos da Tradução, ampliando pesquisas na área de tradução em Libras com o enfoque em tradução de metáforas. E ao passo que aprofundamos os conhecimentos sobre as decisões tradutórias aplicadas no material pesquisado e os elementos que as influenciaram

estaremos colaborando tanto no desenvolvimento profissional de tradutores e futuros tradutores quanto no desenvolvimento socioeducacional do indivíduo surdo, respeitando suas especificidades linguísticas e culturais.

Para esta tarefa, apresentamos diferentes visões teóricas relativas aos estudos de metáforas, aproximando-as aos Estudos da Tradução ao que tange o funcionalismo alemão e sua preocupação com o p. Apresentamos inicialmente a visão tradicional e, logo em seguida, a visão cognitivo-conceitual representada pela teoria influente e contemporânea de Lakoff e Johnson (2002) chamada Teoria Cognitivo-conceitual e, também, a visão enunciativo-discursiva, pautados em Sobral (2008). Os Estudos da Tradução, classicamente, discutem a equivalência. Nesse sentido, Weininger (2009) nos guiou para a compreensão do debate sobre equivalência na tradução e ao entendimento do ato tradutório como uma ação contextualizada social e historicamente.

No terceiro capítulo, descrevemos os tópicos que constituem o processo de elaboração da pesquisa, de constituição do *corpus* e a metodologia de coleta e de análise dos dados. Já no quarto e último capítulo, relatamos a análise dos dados, na qual apresentamos nove expressões metafóricas organizadas em três categorias de sentido, descrevemos a forma de sinalização, analisamos essas expressões com base na teoria enunciativo-discursiva desenvolvida por Bakhtin no enfoque na metáfora, alavancada por Cameron (2005). Os resultados apresentam unanimidade ao indicar que a base da tradução é o sentido, já que as estratégias adéquam o discurso buscando correspondências linguísticas e culturais para a tradução de metáforas do português para a língua de sinais.

CAPÍTULO 2

ESTUDOS DA TRADUÇÃO E O PROBLEMA DA TRADUÇÃO DE METÁFORAS

2.1 Metáfora

Segundo Sardinha (2007), as metáforas estão presentes na nossa mente e funcionam como meios naturais de estruturar nosso pensamento, não sendo necessário adquiri-las formalmente. Além disso, elas se revelam constitutivas da linguagem, conceitualizando as experiências que temos com o outro e com o mundo ao nosso redor, construindo assim relações de significados.

A seguir, apresentaremos as principais abordagens teóricas no campo dos Estudos de Metáfora, relacionando-as aos Estudos da Tradução a fim de orientar o leitor acerca das diferentes visões conceituais e da problemática relacionadas ao tema.

2.1.1 Visão tradicional

A visão tradicional sobre metáfora se encaixa em um paradigma objetivista, relacionando-a ao uso de figuras de linguagem, no qual tem o papel de embelezar a linguagem e/ou driblar o pensamento racional. A noção mais antiga no ocidente vem desde o século IV a.C. com Aristóteles. Para ele, a metáfora é o uso do nome de uma coisa para designar outra em função de artifício para ornamento da linguagem. Assim, Aristóteles a define como “a transposição do nome de uma coisa para outra, transposição do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou de uma espécie para outra, por via de analogia” (ARISTÓTELES, *Arte Poética*, III, IV, 7, p.182 apud, SARDINHA, 2007, p.20).

Posteriormente a Aristóteles e de acordo com uma abordagem referencialista, outros filósofos como Cícero e Quintiliano também consideravam a metáfora um recurso da retórica para o ornamento da linguagem. Eles “concebiam a metáfora como uma questão entre referentes, isto é, havia uma semelhança entre os referentes envolvidos nas expressões” (SILVA, 2006, p. 36). Já em uma abordagem descritiva, o que existe é uma descrição das palavras, onde o sentido e a intenção determinam qual a interpretação adequada para aquela metáfora.

Conforme a visão da tradição retórica, a qual considerava a metáfora a figura mais influente, a metáfora engloba também a *metonímia*, pois quando essa é representada, ela carrega sentido metafórico de relação entre entidades díspares (mesmo que essas entidades sejam próximas), ao expressar a parte pelo todo, o todo pela parte e o material pelo objeto, por exemplo. Aristóteles também considera, em muitos casos, a *comparação* como uma metáfora, mesmo contendo os conectivos que denominam uma comparação (comparação direta), ou seja, para ele metáfora e comparação são a mesma coisa com formas diferentes.

Contudo, segundo Jailma Silva (2006, p. 36), “as figuras de linguagem deveriam ser evitadas, pois serviam como instrumento de ilusão”. Neste período, a linguagem deveria ser objetiva e era vista apenas a partir de aspectos literais ou figurativos (SILVA, 2006, p. 35-36).

Há indícios de que “Aristóteles reconheceu o papel cognitivo da metáfora, na medida em que ela propicia aprendizado [...]”, pois a metáfora permite expressar algo novo e para desvendá-la é necessário um trabalho mental (SARDINHA, 2007, p.21). Além dele, outros filósofos reconheceram esse papel da metáfora, como nos diz Silva (2006)

No século XVIII, o filósofo italiano Giambattista Vico, um precursor do paradigma cognitivista da metáfora, por já nessa época a considerar como uma figura do pensamento, alegava que “tanto os mitos quanto as metáforas representam maneiras de dar forma à experiência” (p. 35).

Passada a fase do modelo lógico-positivista na ciência, em meados de 1936, Ivor A. Richards foi um dos teóricos que se engajaram nos estudos sobre metáfora. Ele cunhou termos para nomear e descrever os elementos constitutivos da metáfora. Em uma expressão metafórica, então, temos a parte não metafórica denominada Tópico, a metafórica chamada de Veículo, a Base que é a relação que inferimos entre o Tópico e o Veículo e a Tensão, a qual é gerada devido à incompatibilidade de sentido na relação entre as entidades do Tópico e do Veículo.

A partir da Teoria de Aristóteles, Max Black desenvolveu três visões dentro da teoria de metáfora, as chamadas: teoria da substituição, na qual um termo literal é substituído por um figurado; teoria da comparação, em que a metáfora é uma comparação implícita, pois dispensaria conectivos; e a teoria da interação (entre o tópico e o veículo), a qual foi aperfeiçoada a partir das noções colocadas por Richards e diz que à metáfora pode ser atribuído um sentido novo a partir da interpretação que se faz da relação entre o tópico e o veículo, por meio da busca de similaridade entre eles (SARDINHA, 2007).

Por outro viés, com o objetivo de investigar o fenômeno da construção de significados, estudiosos como Lakoff e Johnson desenvolveram pesquisas com foco nos processos metafóricos e metonímicos a fim de contribuir teoricamente com o conhecimento sobre a estruturação das línguas. Assim, eles entendem esses processos para além do conceito de recursos literários. Nesse sentido, apresentamos a visão seguinte.

2.1.2 Visão cognitivo-conceitual

Atualmente, George Lakoff e Mark L. Johnson são os principais pesquisadores dedicados ao estudo de metáforas em uma perspectiva cognitivo-conceitual. Eles publicaram o livro *Metaphors We live by*, traduzido para o português como *Metáforas da vida cotidiana*, no qual defendem que “a essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra” (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p. 47-48).

Nesta visão, também chamada de teoria conceitual, a metáfora é o resultado de um processo mental de conceitualização, da forma como atribuímos sentido às nossas experiências e é analisada com base nas evidências apresentadas na linguagem (LAKOFF e JOHNSON, 2002). Ao passo que as metáforas existem no sistema cognitivo a estruturar o conceitual humano, por consequência, expressões linguísticas são também metaforicamente estruturadas.

Conforme Albres (2012, p. 80), as metáforas ocorrem “[...] pela aplicação cognitiva de transferência do significado de um domínio fonte concreto para um domínio alvo mais abstrato [...]”. Isso nos mostra que realizamos uma operação cognitiva partindo de um domínio concreto a partir de nossas experiências corpóreas e conceitualizamos em um domínio mais abstrato, surgindo então de forma natural significações representadas metaforicamente por meio da linguagem, até mesmo porque a “natureza da experiência humana não permite uma representação direta”, como nos diz Oliveira (2010, p. 2836).

Lakoff e Johnson classificam as metáforas em: (a) estruturais; (b) orientacionais e (c) ontológicas. Conforme aponta Faria (2006):

O modelo proposto por Lakoff e Johnson (1980; 2002, p.59-69 e 76) estabelece: (a) *metáforas estruturais* – definidas como um conceito estruturado em termos de outro, por exemplo, ‘pessoas são animais’; (b) *metáforas espaciais ou orientacionais*– que dão a um conceito uma orientação espacial; organizam todo um sistema de conceitos em relação a

um outro a partir de várias bases físicas, sociais e culturais possíveis que estão enraizadas na experiência física e cultural e, por isso, não construídas ao acaso. [...] e (c) *metáforas ontológicas* – formas de conceber eventos, atividades, emoções, idéias etc. como entidades e substâncias. Na metáfora ontológica, a mente é uma entidade (p.181-182).

A partir desses estudos ocorrem aprofundamentos e desdobramentos nas pesquisas no campo dos estudos da metáfora em línguas de sinais, como a *American Sign Language* - ASL e a Libras. Descreveremos, num primeiro momento, os estudos de metáforas em ASL baseados na teoria conceitual-cognitiva para, então, apresentar alguns estudos sobre a Libras.

Uma das pesquisas pioneiras sobre estudos de metáforas em ASL é a pesquisa de Wilcox. A autora cita que pesquisas sobre diferentes línguas de sinais em distintos países têm identificado elementos icônicos e metafóricos no processo de conceitualização, ou seja, de criação dos sinais e dos significados que representam (WILCOX, 2000). Baseada em Lakoff e Johnson, sobre a ASL, Wilcox (2000) elaborou a classificação das metáforas em que as ideias são tidas como objetos e a mente um recipiente.

É dado importante que, assim como as metáforas, as metonímias e a iconicidade também fazem parte deste processo de construção e estruturação de significados. Conforme Wilcox (2000), o processo metonímico está presente na composição de muitos sinais, como em nomes próprios em que o surdo observa uma característica mais marcante do outro e, a partir dela, cria um sinal para designar especificamente aquela pessoa, e nos casos em que realizamos um sinal parte de uma ação como [VÔLEI], [TÊNIS], [DIRIGIR]. Assim, um sinal pode ser criado tendo como base a metonímia de um referente. Além disto, a metonímia pode ultrapassar sua representação de um único referente e se ampliar a outros discursos e significados, passando assim a pertencer a um campo metafórico (ALBRES, 2012).

Na Libras, os estudos da metáfora despontam com Faria (2003, 2006). A autora observa as diferentes representações metafóricas, como locuções, expressões idiomáticas, provérbios, colocações e gírias, tidos pela autora pelo termo “fraseologismos”, bem como traça uma descrição entre as metáforas presentes na Libras e no Português.

Baseada em Faria (2003), Albres (2012) nos traz alguns exemplos do amplo repertório de metáforas existentes na Libras. Como na imagem, a seguir, da expressão “abrir a mente” ou “cabeça aberta” utilizada para designar uma pessoa com a qualidade de caráter acessível, flexível, aberta a novas ideias.



Figura 1: ABRIR-CABEÇA
Baseado em: (FARIA, 2003, p.119) Fonte Albres, 2012

Ainda nessa linha de que a mente é uma entidade/recipiente podemos citar “apagar da memória”, “organizar o pensamento”, “guardar na memória”. Neste caso, a metáfora refere-se à mente como recipiente, mas, conforme Albres (2012), também pode se referir a outras sensações e partes do corpo. Na Libras, encontramos “pernas tremendo” que se refere ao estado de tremor como consequência do nervosismo, ou “arrepia os pelos do braço” para dizer que se está emocionado, ou ainda “de cabelo em pé” como sensorial, e “abanar o rabo” como característica do animal cachorro que designa tanto felicidade quanto submissão dependendo do contexto discursivo.

As metáforas do tipo orientacionais organizam um sistema de conceitos a partir de outro e estão ligadas às experiências que temos com relação ao espaço físico. Podem

ser do tipo: para cima-para baixo, dentro-fora, trás-frente, em cima de_fora de, fundo-raso, central-periférico (LAKOFF E JOHNSON, 2002, p.59).

O campo de estudos sobre metáforas nas línguas de sinais está sendo ampliado e desbravado e uma das questões ainda em aberto no trabalho de Albres (2012), por exemplo, é “no processo interpretativo, como o interlocutor compreende as mudanças da significação dos sinais?” e sobre essa questão, Faria (2006) diz:

Os vocábulos das línguas, ao serem concatenados, produzem uma infinidade de trocadilhos cujos significados flutuam dos mais transparentes aos mais opacos; dos mais simples aos mais inusitados; dos mais grotescos aos mais poéticos. Essa recursividade encontra-se carregada da cultura vivenciada pelos indivíduos, na comunidade a que pertence. Por isso, muitas vezes, o que se diz é somente entendido por falantes nativos de dada língua ou por quem se encontra imerso nessa comunidade, por anos trocando, tropeçando e descortinando construções e interpretações, as mais variadas originadas no arcabouço lingüístico e criativo das trocas comunicativas. (FARIA, 2006, p.180).

Os estudos na visão cognitiva, quando produzem pesquisas em Libras, trabalham de certa forma com a tradução das metáforas, pois as apresentam em português. Sobre isso, Faria (2006) revela:

A tradução de termos de uma língua para outra é problemática, pois não há relação biunívoca de uma palavra na língua fonte por outra da língua-alvo e corre-se o risco de a glosa cristalizar os significados, desconsiderando os diferentes contextos que implicam significados diferentes. Entretanto, é preciso tomar decisões com relação a ela. Este aspecto gerou bastante reflexão nesta etapa da pesquisa. As escolhas feitas levaram em consideração o fato de que, às vezes, na seleção de determinada glosa, a metáfora presente na língua de origem desaparece (p.186).

Nessa perspectiva, entende-se que a tradução não deve se prender aos termos/sinais em si. Faria (2006) afirma que o registro em português das metáforas em Libras é problemático, uma vez que se o fizer como palavra-sinal pode cristalizar o conceito da metáfora.

O que é expressão idiomática numa língua pode soar estranho, ao ser traduzido para a outra. Para não restringir a glosa a um único termo ou expressão, foram apresentados, na medida do possível, fraseologismos e/ou itens lexicais possíveis para a tradução de cada item ou fraseologismo,

tentando, ao mesmo tempo, não comprometer o sentido original na LSB. (FARIA, 2006, p.186)

Por outro lado, Albres (2012) tendo como objetivo apresentar uma descrição linguística, não se ateve ao processo de tradução, mas justifica que “[...] as glosas se referem à descrição do domínio fonte e não necessariamente ao significado da expressão” (p.75). Ela optou por registrar as metáforas em Libras na forma de imagens e glosas mais próximas do sinal/palavra.

Outras vertentes desta visão concebem a existência de metáforas conceituais que regem nosso pensamento, mas dão maior enfoque ao uso linguístico social. Os pesquisadores “[...] usam apenas dados autênticos, colhidos de situações reais de uso [...]” e entendem a metáfora como um fenômeno social e não individual (SARDINHA, 2007, p. 35). Como é o caso da abordagem seguinte.

2.1.3 Visão enunciativo-discursiva

Na perspectiva enunciativo-discursiva, uma palavra ou metáfora não pode ser analisada independente do contexto em que foi utilizada, pois é na interação com o outro que os discursos vão tomando formas e significação, de acordo com os indivíduos envolvidos e com o contexto sociocultural em que esses discursos estão inseridos. Assim, a metáfora é um produto cultural, ideológico e discursivo interacional. Como afirma Coracini (1991), “[...] os conceitos metafóricos estão de tal modo arraigados a nossa cultura que estruturam nossas atividades diárias e científicas de modo imperceptível e inconsciente, são, aliás, constitutivas da forma de pensar e agir de uma época” (CORACINI, 1991, p.137 apud NUNES, 2005, p. 48).

Esta corrente de pesquisa iniciou-se com a pesquisadora inglesa Lynne Cameron no ano 2000 sob a influência de I. A. Richards, M. Bakhtin, L. Vygotsky, J. R. Firth e J. McH. Sinclair. A autora define metáfora como “um grupo de termos ligados semanticamente (em conjunto com seus sentidos e seu afeto) de um domínio de veículo, que são usados para falar sobre um conjunto conexo de ideias de tópico durante um evento discursivo”. Esses grupos são identificados por meio de evidências no uso (CAMERON, 2005, p.1 apud SARDINHA, 2007, p. 38). Porém, só apontam para um conceito metafórico se for de forma recorrente e sistemática. A expressão “Você pisou na bola” precisaria de mais evidências como “errou feio”, “isso foi sujeira”, etc. Essas expressões metafóricas têm de estar ligadas no mesmo contexto semântico, que no exemplo citado está dentro de uma interação específica e se refere a cometer um erro. Se dita em outro contexto discursivo, o sentido adotado para essa expressão poderia não ser metafórico, e sim literal.

Cameron (2005) traça uma linha metodológica em que descreve procedimentos para pesquisa com metáfora e traz conceitos importantes como *metáfora linguística*, a qual descreve como sendo uma unidade de sentido usada metaforicamente e *metaforema* como “conjunto de regularidades de forma, conteúdo, afeto e pragmática, em torno de uma palavra ou colocação, que subjaz a uma metáfora linguística” (CAMERON, 2005, p. 1 apud SARDINHA, 2007, p. 41).

Estudos fundamentados em Bakhtin têm ampliado o escopo do discurso a ser analisado, ou seja, não limitando ao texto escrito exclusivamente, mas sim analisando a linguagem verbo-visual, seu contexto sócio cultural e político e o caráter ideológico. Esses estudos, por exemplo, analisam capas de livros, charges, capas de revistas e, por sua vez, as metáforas contidas em tais discursos como meio de identificar o modo como

as pessoas vivem e se comunicam por meio de metáforas verbo-visuais. Essas são empregadas em propagandas e podem transmitir ideologias, modo de pensar e influenciar modo de agir na sociedade, sendo que são fabricadas exatamente com propósitos específicos.

Apresentamos a seguir um exemplo de análise de metáfora verbo-visual desenvolvida conforme a perspectiva enunciativo-discursiva. Puzzo (2009) estudou as capas da revista *Veja* e analisou o complexo processo metafórico expresso nessas capas.



Figura2: Revista *Veja*, edição de 10 de maio de 2006
Fonte: PUZZO, 2009, p.67.

Na capa, um homem com característica próxima ao do então presidente Lula está com uma marca de sapato nas nádegas, o que nos remete a metáfora em português “pé na bunda” e o verbal anuncia “o ataque à Petrobras – essa doeu!”. Puzzo (2009) coloca que “[...] existe a necessidade de tornar os assuntos relevantes e atraentes para o leitor, de modo a provocar seu interesse pela aquisição e leitura desse material anunciado nas capas” por meio da construção de relações dialógicas (p. 65).

O discurso surge da interação, em que cada sujeito é articulador e mediador de sentidos.

[...] Todo sujeito tem um dado projeto enunciativo (aquilo que ele quer dizer) e um dado ponto de vista avaliativo (a posição relativa a partir da qual diz), a que corresponde uma resposta ativa de ao menos outro sujeito, resposta que, por ser “antecipada”, pode alterar a própria maneira de realizar esse projeto enunciativo, levando o sujeito a diferentes ajustes (SOBRAL, 2008, p.60).

Numa análise de enunciados (estruturados de forma organizada consciente ou dispersa), as metáforas podem nos mostrar os efeitos de sentido que o sujeito autor deixa como marcas em seu discurso (NUNES, 2005, p. 46). Tais efeitos podem ser determinados “através da posição (social, cultural, histórica) do sujeito enquanto enuncia [...]” e ligados “[...] à ideologia, à memória discursiva, à rede de sentidos tecida pelo interdiscurso.” Portanto, a abordagem enunciativo-discursiva da metáfora requer “[...] um constante movimento de ir e vir para o exterior constitutivo da linguagem [...]” (NUNES, 2005, p. 49-51).

Apresentamos de forma sucinta a compreensão sobre metáfora nas três correntes. Todavia, como trabalhamos com tradução, nos cabe também abordar a tradução de metáforas e os problemas discutidos no âmbito dos Estudos da Tradução.

2.2 Equivalência e correspondência nos Estudos da Tradução

O ato tradutório, considerado uma das tarefas mais antigas entre civilizações, vive até hoje pela ânsia de transmissão e absorção de informações entre povos seja por motivos políticos, religiosos, científicos ou outros nas mais diversas áreas de conhecimento. Neste tópico, vamos apresentar a problemática de se buscar entre as mais diversas línguas a equivalência durante o processo de tradução. E como isso pode ser visto e praticado sob a perspectiva de busca de elementos correspondentes na língua alvo por meio do reconhecimento dos elementos culturais, e não somente numa perspectiva linguística.

Weininger (2009, p.XIX) coloca em seu artigo ‘Estrela guia ou utopia inalcançável’ que “o conceito de equivalência nos Estudos da Tradução é inevitável e

fascinante e, ao mesmo tempo, elusivo e perigoso”. Consideramos que o debate acerca deste tema é ainda válido e muito delicado, mas nos perguntamos: De que forma e por que se dá este processo de busca pelo equivalente? De qual equivalência se trata? Passando, então, para uma reflexão sobre o que nos traz Sobral (2008) com uma perspectiva sobre correspondência, buscamos esclarecer ao leitor o debate acerca desses termos e mostrar os caminhos para uma melhor compreensão sobre os elementos e mitos que permeiam a profissão e pressionam o tradutor.

Ao traduzirmos de uma língua para outra, precisamos ter ciência de que não lidamos somente com sistemas linguísticos diferentes, mas também com costumes, crenças, valores distintos, ou seja, traduzimos também reflexos de um contexto histórico social e elementos das culturas que se encontram expressos pela linguagem. Durante este processo, nos deparamos com a busca constante por expressões que sejam condizentes em significado na língua alvo de forma que a tradução fique o mais adequada possível em conteúdo e sentido.

As principais opções tradutórias colocadas por Schleiermacher (1813, 1838, 2001, p. 45, apud WEININGER, 2009, p. XIX) são relacionadas ao fato de uma tradução poder levar o autor original ao leitor ou direcionar o leitor ao autor. Vamos considerar que, quando se fala em autor, podemos entender como texto de partida o conteúdo que carrega de uma forma ampla ou que abranja o linguístico e o cultural. Pois se tratando de autor, teríamos que considerar suas intenções e isso já pode deixar de existir ou se transformar conforme a interpretação que cada indivíduo realiza ao ler o texto. A definição clara do significado do texto sofre variações conforme a interpretação que cada leitor faz dele, porque cada um de nós tem suas experiências pessoais, seu conhecimento de mundo e intenções com o texto. Do mesmo modo que há diferentes

interpretações mesmo dentro da mesma cultura e língua, por se tratar de ato intrínseco a cada ser humano, as interpretações variadas estão ligadas à época e à cultura em que o texto foi escrito e nas quais ele é lido.

Para Jager (1975, apud WEININGER, 2009, p. XXI), a equivalência pode ser considerada como comunicativa e não como linguística. E Baker (1992 apud WEININGER, 2009, p. XXI) diz que ela se encontra em diferentes níveis: no lexical, sintático, textual e pragmático.

Quando no texto alvo o tradutor encontra dificuldades de terminologia, Jakobson (1959: 233) propõe soluções como a utilização de estrangeirismos, neologismos em nível semântico, tradução de forma literal, o empréstimo ou ainda a utilização de circunlóquios¹. Segundo a distinção feita por Nida (1964 apud WEININGER, 2009), entre equivalência formal e equivalência dinâmica, tem-se que a equivalência formal se dá no nível da literalidade, enquanto a equivalência dinâmica proporciona ao espectador um efeito equivalente ao texto fonte. No par linguístico Libras/Português, a tradução de metáforas baseada na equivalência formal poderia acarretar em um profundo estranhamento no espectador, o que poderia resultar em afastamento do propósito da tradução ao público alvo, neste caso o ensino do português para os surdos. “O pão nosso de cada dia”, em determinadas culturas precisa ser traduzido como “a tigela de arroz nossa de cada dia” a exemplo do caso de Nida que cita sua decisão tradutória ao levar em conta a função do texto de origem e a cultura alvo, na qual, muitas vezes, para se preservar o conteúdo da mensagem é modificada a forma (WEININGER, 2009, p. XX).

¹“Whenever there is deficiency, terminology may be qualified and amplified by loanword or loan-translations, neologisms or semantic shifts, and finally, by circumlocutions” (*ibid.*: 234 WEININGER, 2009, p. XX).

A respeito da tradução como produto final é de suma importância colocar que não existe uma tradução que possa ser denominada correta, pois estaríamos excluindo outras possibilidades de tradução igualmente adequadas. Muitas vezes, o tradutor se vê atrelado a opções únicas, mas capazes de expressar determinado conteúdo na tradução. Mesmo que para outras pessoas aquelas sejam consideradas erros, cada tradutor toma suas decisões tradutórias, julga e analisa baseado em suas experiências e conhecimentos de mundo, linguísticos, culturais e referenciais (WEININGER, 2009, p. XXIII - XXV).

O conceito de equivalência na tradução para Snell-Hornby (2001, p.22 apud SILVA, 2011) “não serve para a teoria da tradução, visto que, além de impreciso e mal-definido, traz uma ilusão de simetria entre as línguas, [...] que mal consegue existir para além de vagas aproximações e que distorce os problemas básicos da tradução”(SILVA, 2011, p. 37). Hermans (2004, p.19 apud SILVA, 2011) reforça a crítica sobre a ideia de equivalência, esclarecendo o fato de ceder em determinado aspecto na tradução e de preservar outro, entendendo que não é necessário se preocupar com equivalência em “todos os aspectos ao mesmo tempo”, ele diz que:

A tradução não pode atingir precisão total porque não há como determinar em que consistiria a precisão total. Assim, não tem sentido continuar pensando em tradução em termos de exigências de equivalência ‘em todos os aspectos ao mesmo tempo’ (SILVA, 2011, p. 39).

Sendo assim, o tradutor deve buscar formas de dizer na língua alvo que correspondam ao conteúdo que foi dito na língua de partida, como na perspectiva de Sobral (2008) que, em seu livro *Dizer o mesmo aos outros*, define o termo correspondência como “recursos de criação de sentido de uma língua que podem ser recriados por meio de recursos de outra língua, para produzir efeitos de sentido semelhantes” (p. 76). Esses recursos não seriam exclusivamente textuais, mas também discursivos e atrelados ao contexto histórico-social em que são gerados, pois são as

circunstâncias de onde emergem as enunciações que determinam o sentido dos enunciados, conforme Sobral (2008, p. 80). Portanto, partindo do entendimento de que os discursos, ou seja, o texto alvo e o texto fonte estão diretamente ligados ao contexto sociocultural de cada língua envolvida, podemos dizer que estes contextos não se repetem, eles não são equivalentes.

Pensar na ideia de correspondência implica entender a tradução como um trabalho de compreensão da complexidade e diversidade das formas de expressão existentes em uma língua utilizadas para a criação de sentidos construídos em determinada cultura e época em que “O trabalho do tradutor seria, nesse sentido, o de conhecer de maneira cada vez mais profunda essas formas nas línguas com que trabalha a fim de melhor criar essas correspondências” (SOBRAL, 2008, p.81).

Os recursos para a criação de sentido que existem de forma correspondente entre duas culturas geram relação de proximidade entre os elementos linguístico-discursivos nas diferentes línguas. “Esses contextos diferem entre si, mas compartilham elementos relativos ao mundo material e a formas de os seres humanos exprimirem intencionalmente o que ‘querem dizer’”. Na perspectiva sobre correspondência, segundo Sobral, “[...] é mais importante exprimir a atitude do usuário diante de outro usuário (o espírito), aquilo que um usuário quer dizer ao outro, do que traduzir as palavras em si [...]” (SOBRAL, 2008, p.82).

Sobral propõe que vale tentar resgatar elementos como a intenção do indivíduo com seu discurso, o que ele pretende dizer, levando em consideração além das correspondências no modo de expressão de cada língua envolvida, as diferenças culturais e temporais e a situação em que surgiu o discurso.

Isso implica que entender o que é expresso é entender, mais do que o texto ou o sentido das “palavras” e “frases” que compõem esse texto, tomados isoladamente, aquilo que o sujeito que produziu esse texto quer indicar sobre como se deve entender o que exprime: como afirmação, recusa, agressão,

aceitação, ordem, obediência, brincadeira etc., para ficar numa descrição geral (SOBRAL, 2008, p.82-83).

Porém, ele diz que “[...] é comum não entendermos a intenção do outro, mesmo entendendo todas as palavras e frases que ele usa quando fala [...]” (SOBRAL, 2008, p. 83). Assim, entendemos que a construção de sentidos é realizada com a língua em uso e esses mesmos sentidos são válidos para um contexto de interação específico, o que muitas vezes não é possível alcançar efetivamente no texto fonte.

2.3 Tradução pelo sentido da metáfora

Ao pensarmos na grande diversidade cultural brasileira, percebemos a vasta gama da variação linguística e a complexidade de se traduzir do português para a língua de sinais. Os surdos experienciam o mundo de forma exclusivamente visual, e não sonora como acontece no “mundo dos ouvintes” falantes do português. Mas mesmo entre línguas de modalidades diferentes é possível encontrar aspectos comuns relativos à forma de se expressar, mesmo porque a Libras e o Português entram constantemente em contato em meios onde surdos e ouvintes dividem espaço, e isso faz com que ocorra influência mútua (evidenciada a influência do Português sobre a Libras), gerando assim elementos que ambas línguas compartilham, como, por exemplo, determinadas expressões metafóricas.

As metáforas têm suas interpretações atreladas às experiências de cada indivíduo e alicerçadas na cultura de um determinado grupo social². Sobre as construções de sentido na linguagem, Sobral (2008) nos diz:

² O teórico funcionalista Vermeer também concebe a tradução como um processo cultural, permeado pelas particularidades do sistema cultural no qual está inserido, pois é tida como uma ação humana com seus propósitos e peculiaridades. Além disso, o funcionalismo considera, sobretudo, a recepção de cada texto.

Heidegger discorreu em vários escritos acerca da relação entre a linguagem e o ser, destacando que a linguagem é marcada pela multiplicidade do sentido, é algo animado e vigoroso que não pode ser reduzido à imobilidade da univocidade de alguma sequência de signos. Mecanizada dessa maneira, a linguagem morreria e a existência do homem seria devastada e petrificada (SOBRAL, 2008, p.42).

Ao traduzir, não se deve pensar só no *significado* das formas num dado sistema linguístico, mas pensar no *sentido* que abrange não só aspectos linguísticos, e, sim, o todo que permeia a enunciação e o enunciado, a língua em uso, inclusive os indivíduos.

Mas a tradução de sentido pode gerar certa angústia quando se enfatiza a questão da fidelidade. Conforme Silva (2011), a fidelidade atormentou tradutores que optaram pela tradução de sentido, como no século IV a Eusebius Hieronymus, que nos conta: “Se traduzo palavra por palavra, soa absurdo; se por necessidade, eu mudo algo na ordem das palavras ou na linguagem, parecerá que abdiquei da responsabilidade de tradutor” (apud SILVA, 2011, p. 55).

Porém, a tradução nem sempre foi vista tal como é hoje, de forma relativamente estável. Para entendermos como isso é possível, temos de traçar um breve panorama histórico acerca da visão que se tinha sobre traduzir nas diferentes culturas conforme o contexto político e social da época e as correntes que se seguiram sobre o modo de traduzir.

Dois métodos sobressaíam:

[...] o método palavra-por-palavra e o de sentido-por-sentido. A primeira, em essência “literal”, ganhou força com as primeiras traduções das Escrituras e era defendida por representantes da Igreja Católica primordial, cuja preocupação era a não-desvirtuação das palavras divinas. Assim, o método palavra-por-palavra passou a ser associado à fidelidade, mas não demorou muito para que se percebesse que essa “técnica” gerava alguns problemas de compreensão (SILVA, 2011, p. 53-54)

Em Burke e Hsia (2009), citados por Silva (2011), podemos perceber a responsabilidade que o tradutor tem em suas mãos quando designado a realizar uma tradução e como o contexto em que ela é solicitada e elaborada pode determinar diferentes traduções, assim como podemos ter uma noção de qual era a visão sobre tradução antes do século XIX. No período renascentista, em um contexto em que existia um forte domínio da igreja sobre a sociedade, os textos eram manipulados com omissões e/ou ampliações conforme razões de natureza política, religiosa ou de teor moral.

[...] Textos longos podiam ser abreviados na tradução, reduzidos até a metade de sua extensão original. Outras omissões eram uma forma de expurgo. [...] Passagens podiam ser omitidas – sem aviso aos leitores- por razões religiosas, morais ou políticas. [...] A liberdade das traduções renascentistas incluía a liberdade de acrescentar material, ou, como os retóricos diziam, de “ampliar” (BURKE & HSIA, 2009, p.38-39 apud SILVA, 2011, p. 28).

O período iniciado no final do século XVIII com Alexander Fraser Tyler (1791), deu início, segundo Steiner (1975, p.237 apud SILVA 2011), às pesquisas dentro da perspectiva linguístico-cientificista, vertente também chamada essencialista ou concepção tradicional em que apresentam “uma visão normativa de como deve ser a tradução” (SILVA, 2011, p. 31). Tylter adota regras para uma boa tradução que, resumidamente, são: (a) a tradução deve prover uma reprodução, em sua totalidade, das ideias da obra original; (b) o estilo e o modo de escrita da tradução devem ter a mesma natureza do original; e (c) a tradução deve ter toda a fluência do original.

A partir da década de 1980 surgem então as chamadas perspectivas contemporâneas, em que os estudiosos adotavam uma postura que renegava a influência linguístico-cientificista– observada em teóricos tradicionais como Tyler, Catford, Nida, Kade, Theodor e Rónai. Então, outros campos de pesquisas se desenvolveram como os estudos culturais, as teorias de recepção e a perspectiva discursiva. Dentre eles, pode-se

citar Francis Aubert, Rosemary Arrojo, Theo Hermans, Lawrence Venuti, Brian Mossop, Barbara Folkart e Solange Mittmann (SILVA, 2011).

No Brasil, Aubert (1993 apud SILVA, 2011) representa uma transição entre a concepção logocêntrica e a discursiva. Ele reflete sobre a influência do conhecimento e visão de mundo do autor na elaboração de uma tradução, com isso questiona fidelidade e invisibilidade adotando uma perspectiva mais discursiva (SILVA, 2011).

Silva (2011) nos diz que:

Para Lefevere (1992, p. 1 apud SILVA, 2011, p. 63), a tradução também tem a ver com autoridade, legitimidade [...]. Ele afirma (2007, p. 85) que, quanto mais prestígio tiver o original (ex: Bíblia, Corão, clássicos), mais ‘gramatical e lógica’ será a tradução [...] (p. 63).

Justifica-se assim um dos possíveis motivos das escolhas tradutórias mais próximas da tradução literal em que a literalidade emerge como forma de conduzir o português até o surdo na tradução de metáforas em livros didáticos.

Porém, Arrojo (2000) diz que

[...] nossa tradução será fiel não ao texto ‘original’, mas aquilo que consideramos ser o texto original, aquilo que consideramos constituir-lo, ou seja, à nossa interpretação do texto de partida, que será, como já sugerimos, sempre produto daquilo que somos, sentimos e pensamos (apud SILVA, 2011, p. 64).

Arrojo defende que o texto e o significado só podem ser abordados através de uma leitura ou de uma interpretação e um tradutor não tem como evitar que “seu contato com os textos (e com a própria realidade) seja mediado por suas circunstâncias, suas concepções, seu contexto histórico-social” (2000, p.38 apud SILVA, 2011, p. 45).

Hermans, sob uma perspectiva cultural, também defende esta posição e diz que “a voz do ‘outro’, a voz do tradutor, está sempre lá” (HERMANS,1996, p.3, apud SILVA, 2011, p. 47).

Sendo assim, para além da preocupação com equivalência e pensando em correspondência, podemos dizer que a utilização de estratégias na elaboração de traduções é vital e começa na etapa da leitura que fizemos do texto fonte.

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA DE PESQUISA

Conforme Gerhardt e Silveira (2009, p. 22), “a Ciência caracteriza-se como uma forma de conhecimento objetivo, racional, sistemático, geral, verificável e falível.” Portanto, este trabalho baseia-se na sistematicidade para desenvolver pesquisa por meio de análise e descrição de expressões que ocorrem de fato e estão inseridas em determinado contexto histórico, linguístico e social.

3.1 Tipo de pesquisa

A pesquisa desenvolvida possui caráter qualitativo do tipo analítico-descritivo, sendo de natureza aplicada. Assim como descrevem Gerhardt e Silveira (2009), ela busca solucionar a questão norteadora que, neste trabalho, está relacionada às formas adotadas na tradução de material didático para a Libras e a como os resultados podem contribuir para a área dos Estudos da Tradução, especificamente na tradução de metáforas e na tradução do par linguístico Português/Libras.

3.1.1 Objetivo geral

Descrever as estratégias de tradução adotadas por tradutores surdos e ouvintes em livros didáticos do ensino fundamental da disciplina de português.

3.1.1.1 Objetivos Específicos:

- categorizar os procedimentos de tradução utilizados para traduzir as metáforas;
- interpretar as decisões tradutórias desenvolvidas levando em conta o principal público alvo que são os alunos surdos.

- compreender os elementos que permeiam essa prática e os que estão relacionados a um contexto sociocultural.

3.2 Procedimentos metodológicos

Neste tópico, vamos apresentar os passos que desenvolvemos para realizar esta pesquisa, na qual se encontra critérios de transcrição baseados no trabalho de Felipe, 2005.

3.2.1 Estabelecimento do corpus

A princípio havia a disposição 20 livros didáticos do ensino fundamental, de 1º a 4º série, dos componentes curriculares Português, Matemática, História, Geografia e Ciências. Selecionamos os livros da disciplina de português pela possibilidade de conter maior quantidade de metáforas, melhor contextualizadas por abrigar mais textos de diversos gêneros. O *corpus* ficou constituído de quatro livros de português impressos em língua portuguesa e quatro livros digitais em DVDs traduzidos para Libras que se destinam, respectivamente, à educação de ouvintes e de alunos surdos das séries iniciais do ensino fundamental. Esse material foi traduzido (filmado e editado) para a Libras por tradutores profissionais surdos e ouvintes às escolas bilíngues, em parceria com a editora Arara Azul, renomada no Brasil pela qualidade de seu trabalho e de suas publicações na área da educação de surdos.

Após selecionarmos como *corpus* da pesquisa os livros da disciplina de português, determinamos como unidades de análise os textos que apresentaram conteúdo metafórico. Com a delimitação do *corpus*, foram definidas como unidades da tradução a serem analisadas as sentenças que continham metáfora, em que o sentido

deveria ser inferido requerendo a interpretação (no sentido de compreensão) da metáfora.

3.2.2 Estabelecimento de amostra

O corpus é constituído por elementos tanto em língua portuguesa quanto em Libras. Levantamos 34 metáforas no livro da 1ª série³, 29 metáforas no livro da 2ª série, 16 metáforas no livro da 3ª série, e 53 metáforas no livro da 4ª, totalizando 132 metáforas em língua portuguesa. Mediante a impossibilidade de analisar todo esse *corpus* neste trabalho, selecionamos 9 metáforas para descrição e análise, as quais, pelo sentido, foram organizadas em três categorias.

Os critérios de seleção da amostra foram: a recorrência de sentido, ligação com o contexto e formas linguísticas distintas.

3.2.3 As técnicas de coleta de dados

Primeira etapa: leitura do português

Uma vez selecionadas as metáforas para análise, desempenhamos o trabalho de leitura minuciosa do material e o levantamento dessas unidades metafóricas para, posteriormente, realizar a identificação do procedimento de tradução para Libras.

Entendemos que o pesquisador gera certo grau de influência sobre o objeto estudado, principalmente nesta fase de coleta de dados, pois a seleção das metáforas foi de forma manual pela leitura do livro.

Desenvolvemos uma tabela para registros das expressões, constando a identificação do livro, o número da página e o trecho do texto em que a metáfora foi

³ A nomenclatura foi adotada em consonância com a que consta nos livros.

empregada, sendo que a metáfora foi destacada em negrito. Há também uma explicação do sentido da metáfora em português, quando necessário (apêndice 1).

Classificamos o gênero textual em que a metáfora foi empregada com base em Schneuwly e Dolz. Segundo eles, “o gênero é que é utilizado como meio de articulação entre as práticas sociais e os objetos escolares, mais particularmente no domínio do ensino da produção de textos orais e escritos” (2004, p.71 apud ANDRADE, 2012, p. 1).

Magalhães (2006) define gênero como “formas convencionais de textos’, que refletem as funções e os objetivos de eventos sociais determinados bem como os propósitos dos participantes desses eventos” (p. 72).

Os gêneros mais encontrados nos livros didáticos pesquisados foram: narrativa, receita, ordem, descrição, poesia, informativo, diálogos, carta, entrevista.

Livro 4ª série			
Número da página	Trecho do texto em que a metáfora foi empregada	Explicação do sentido da metáfora	Gênero textual em que a metáfora foi empregada
p. 08	“Durante a leitura fique de olho! ”	Atenção	Texto de orientação (enunciado)
p. 09	“ A vida do menino de Brodósqui na nova cidade era dura ”	Vida difícil	Texto narrativo

Tabela 1: Exemplo do processo de levantamento das metáforas

Segunda etapa: leitura da tradução em Libras

Após a leitura dos livros e levantamento dos dados, foi realizada a verificação deste conteúdo, incluindo a coerência dos números das páginas com o que constava na tabela. Com a revisão, foram redefinidas algumas das unidades de análise de forma a apresentarem mais claramente o contexto em que a metáfora foi empregada, a fim de facilitar sua localização no texto e, assim, no vídeo da tradução (livro digital).

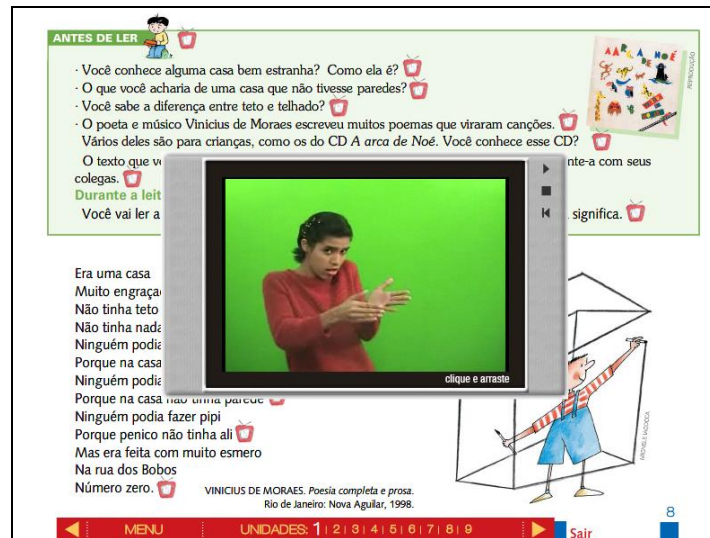


Figura3: visualização do CD com vídeo sobreposto a imagem da página

Nesta etapa, apareceram diversas barreiras relacionadas ao uso de ferramentas de *softwares*, inclusive ligadas ao formato em que é gravado o livro, mais especificamente a velocidade que transcorre o vídeo, pois não há opção de menor velocidade na barra de manuseio, somente encontramos as opções *play*, *pause* e voltar para o início. Esse fato nos leva a reflexão sobre quão viável seria para uma criança surda assistir e conseguir entender de forma tão rápida essas passagens, muitas vezes, complexas. Pressupõe-se que o raciocínio seja tão rápido quanto o vídeo e que exista o pleno domínio da Libras para que se possa realizar a leitura das traduções. Em relação ao uso de *softwares*, não encontramos um programa em que fosse possível separar o vídeo da plataforma do digitalizado o que nos levou a captar a imagem por meio de fotos da tela, um trabalho que despende mais tempo e atenção, muitas vezes, não dando conta de captar com precisão devido ao formato oferecido no livro digital.

Para a captura da imagem, utilizamos o programa *aTubeCatcher* que tem uma função de captura do vídeo simultaneamente ao momento em que é passado no computador. Para tanto, em sua aba *ScreenRecord*, há possibilidade de selecionar a captura do vídeo do início ao fim. Foi delimitada a área específica do vídeo, da tradução

que é apresentada sobreposta à página do livro e copiamos o vídeo, um por um, para então o disponibilizar no site *YouTube* colocando o *link* no trabalho, a fim de que o leitor possa assistir aos vídeos em Libras a cada análise.

3.3 Procedimentos de análise de dados

Acerca dos métodos e técnicas adequados para descrever teoricamente a tradução das metáforas destacamos que nos baseamos na abordagem Enunciativo-Discursiva, em que Lynne Cameron (2005) estabelece procedimentos para pesquisas com metáforas, preconiza a atenção ao uso recorrente da metáfora na linguagem real e utiliza a noção de alteridade posta por Mikhail Bakhtin, na qual a transposição para o lugar/conhecimento acerca do outro ocorre por meio do entendimento da metáfora deste indivíduo. Assim, levantamos os possíveis fatores envolvidos nas escolhas de tradução, em maior ou menor grau, tais como: necessidade de tradução pelo sentido ou de tradução literal, propriedades das Línguas de Sinais que são espaço-visuais (iconicidade e processo metonímico de metaforização) e aspectos culturais; a fim de desvendar conteúdos culturais arraigados no Português e o como foram transpostos para os surdos por meio das traduções para a Libras. A identificação se dará pela captação das unidades metafóricas que sofrerem modificação ou explicitação na língua alvo. Realizar imprescindivelmente por meio de metodologia específica para a investigação, isto é, perceber o contexto do discurso e a intenção do texto fonte.

Para o registro dos dados da Libras, foi utilizado um sistema que mescla descrição e transcrição. Realizamos a descrição com base em Faria (2006) e transcrição com base no sistema de notação proposto por Felipe (2005)⁴ buscamos adotar um sistema que pode ser configurado como uma terceira convenção resultado da

⁴ Ver conteúdo anexo.

combinação entre as propostas mencionadas e a adaptação adequada ao contexto e necessidade deste trabalho⁵.

⁵ Ver conteúdo anexo.

CAPÍTULO 4

DESCRIÇÃO DAS TRADUÇÕES DE METÁFORAS DO PORTUGUÊS PARA A LIBRAS

4.1 Contextualização histórica da produção dos livros em Libras

Com o reconhecimento legal da Libras como língua natural dos surdos brasileiros, por meio da Lei nº 10.436 de 2002 e do Decreto 5.626 de 2005 que a regulamenta, salienta-se o direito dos surdos de receber a educação na sua língua natural, a Libras, levando ao direito e luta em prol da educação bilíngue como forma mais adequada para o desenvolvimento socio-educacional do sujeito surdo, pois respeita, fortalece e promove suas especificidades linguístico-culturais, abrangendo o ensino de língua portuguesa como segunda língua para uma maior inclusão na sociedade brasileira.

Conforme consta no documento PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais – de língua portuguesa:

O domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes lingüísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos (BRASIL, 1997, p. 15).

Andrade (2012, p. 02) salienta que “após a publicação dos PCN, a necessidade de uma reestruturação no ensino ficou ainda mais evidente e, dessa forma, os livros didáticos rapidamente buscaram adaptar-se às novas exigências.” Para isso, o Ministério da Educação - MEC, por meio da atual Secretaria de Educação Continuada,

Alfabetização, Diversidade e Inclusão⁶, implementa ações em conjunto de empresas licitadas. Entre elas, no âmbito da educação de surdos está a editora de destaque nacional, a Arara Azul, cuja missão é “o desenvolvimento de ações destinadas à valorização das línguas gestuais, orais e/ou escritas, à promoção das culturas surdas e ouvinte e à aceitação das diversidades humanas” (ARARA AZUL, 2015). Assim, busca principalmente divulgar e produzir materiais relacionados ao universo dos surdos e da educação de surdos, bem como incentivar estudos e formação de profissionais que atuam nessa área.

As ações para promover a educação bilíngue de qualidade contam com o trabalho da Dra. Clélia Regina Ramos, gerente editorial e de projetos, responsável pelo projeto e produção do livro didático digital em Libras. Ela destaca em sua revista digital o pioneirismo deste trabalho que, segundo ela, é “[...] inédito no mundo, ou seja, não existe nenhum outro país que tenha produzido e distribuído gratuitamente para seus alunos surdos materiais didáticos bilíngües como foi feito pelo MEC/FNDE.” (RAMOS, 2013, p. 7).

O trabalho foi desenvolvido em quatro etapas de junho de 2007 a janeiro de 2009, envolvendo diretamente 24 profissionais tradutores surdos e ouvintes nos estados Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, além de duas empresas prestadoras de serviços: a Atelier Design e a Sony, resultando na distribuição de 416.627 exemplares do livro em papel e CD-ROM para alunos surdos da rede pública de ensino (RAMOS, 2013, p. 7).

⁶ Atual SECADI. Extinta Secretaria de Educação Especial – Seesp. Conforme decreto de reestruturação disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Decreto/D7690.htm#art5>

4.2 Descrição das traduções

Este trabalho tem como objetivo descrever as formas de tradução adotadas por tradutores surdos e ouvintes em livros didáticos do ensino fundamental da disciplina de português.

Levamos metáforas em português e suas traduções para a Libras, *categorizando os procedimentos* de tradução utilizados para traduzir as metáforas. Buscamos *interpretar as decisões tradutórias* relacionadas a um contexto sociocultural, levando em conta o público alvo (alunos surdos).

A visão enunciativo-discursiva concebe o processo de construção de sentido da metáfora sempre em movimento, ou seja, o conceito é construído em determinado contexto de interação, procurando desvendar as relações e alteridade do tradutor/intérprete de Libras com o contexto e o público alvo mesmo que em processo de tradução.

Partindo dos aspectos linguístico-discursivos da língua em processo de tradução como dado concreto de pesquisa, desenvolvemos três categorias para descrição. Buscamos os sentidos recorrentes para diferentes metáforas em português, expressas de diferentes formas. São elas:

Categoria 1– metáforas que expressam *sentimentos* – mais especificamente sentimento de estar *apaixonado*;

Categoria 2– metáforas que expressam *ações* – mais especificamente a ação de *não dar atenção*;

Categoria 3– metáforas que expressam *dificuldades* – mais especificamente *o modo de ver uma situação difícil*.

As expressões levantadas em cada categoria foram as seguintes:

SENTIDO	Trecho em que apresenta a metáfora	Gênero textual
SENTIMENTO/ APAIXONADO	“ Perdido de amores , ele se dirigiu pessoalmente ao reino do rival” (BRASIL, 2010, 1ª Série, p. 122)	Narrativa
	“E a lua também enfeitada faz caprichos de namorada” (BRASIL, 2010, 1ª Série, p. 143)	Poema
	“Trago seu amor de volta em 24 horas, gamado, amarrado aos seus pés ” (BRASIL, 2010, 2ª Série, p. 28)	Texto informativo
AÇÃO/ NÃO DAR ATENÇÃO	“Ô seu lenhador, venha mandar o pedaço de pau ajudar a apanhar minha banana que caiu no oco da árvore. O lenhador não ligou para ele ” (BRASIL, 2010, 1ª Série, p. 71)	Narrativa
	“A rainha não lhe deu ouvidos ” (BRASIL, 2010, 1ª Série, p. 71)	Narrativa
	“O macaco foi até o gato pedir a ele que comesse o rato. O gato não fez conta dele. ” (BRASIL, 2010, 1ª Série, p. 71)	Narrativa
DIFICULDADES/ MODO DE VER UMA SITUAÇÃO DIFÍCIL.	“ A vida do menino de Brodóski na nova cidade era dura ” (BRASIL, 2010, 4ª Série, p. 09)	Texto narrativo
	“Ser laranja não é canja ” (BRASIL, 2010, 3ª Série, p. 44)	Poema
	“E atenção que o negócio está preto ” (BRASIL, 2010, 2ª Série, p. 174)	Letra de música

Tabela 2: Categorias das metáforas em análise e dados de identificação

Apresentamos a seguir uma análise detalhada de cada metáfora selecionada.

4.2.1 **Categoria 1** – metáforas que expressam *sentimentos* – mais especificamente sentimento de estar *apaixonado*. Nesse sentido, encontramos três metáforas em português.

a) “Perdidos de amores”

A primeira delas foi coletada de um texto narrativo que conta a história de dois reinos chefiados por dois poderosos cachorros que, apesar da rivalidade, viviam em paz e um deles se apaixonou pela irmã do seu rival.



Figura 4: Visualização da página do CD- ROM do livro didático (BRASIL, 2010, p.122)

Para a metáfora destacada na sentença “**Perdido de amores**, ele se dirigiu pessoalmente ao reino do rival”, apresentada no livro da primeira série (BRASIL, 2010, p.122), o tradutor utilizou em Libras a expressão [CACHORRO CHEFE top.ELE] [AMOR] [IR CHEFE CACHORRO]. O sentido pretendido no texto em português é o de estar muito apaixonado, tal sentido levou o tradutor a realizar o sinal de AMOR (figura 4) juntamente à expressão facial de intensidade.



Vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dPaHvc6O7y4&feature=youtu.be>>

Figura 5: AMOR

Havia outras possibilidades de tradução da metáfora *Perdido de amores*, como APAIXONADO (figura 5) numa tradução mais transparente/direta, ou ainda se poderia ter traduzido a metáfora por outra metáfora, por exemplo, se usasse o ARRASTAR-SE NO CHÃO ou o LAMBER O CHÃO (figura 6).

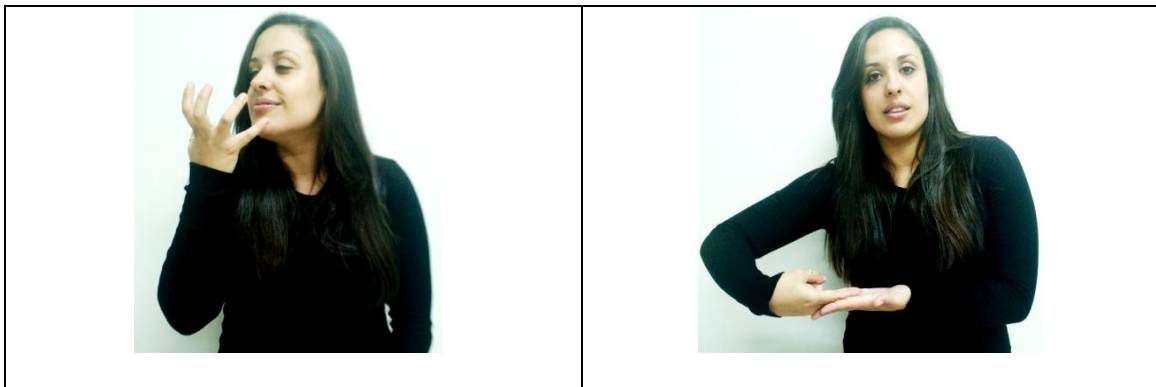


Figura 6: APAIXONAD@ Figura 7: ARRASTAR-no-CHÃO

Todavia, a escolha do tradutor foi por manter um sinal mais comum e não metafórico. Consideramos que o efeito de sentido não foi mantido, além disso, a questão estética se perdeu.

b) “Enfeitiçada”

A segunda metáfora foi identificada no gênero poema em que o narrador conta que o Girassol da sua rua está apaixonado pela Lua, no livro da primeira série (BRASIL, 2010, p.143). Na sentença “E a lua também **enfeitiçada** faz caprichos de

namorada”, o sentido pretendido com a metáfora destacada é de estado de encantamento.

PARA LER MAIS

ANTES DE LER

- Você já viu um girassol?
- Você sabe por que ele tem esse nome?

Durante a leitura, fique de olho!

O autor inventa uma palavra nesse poema. Leia-o com atenção para descobrir qual é essa palavra.

O girassol

O girassol da minha rua,
numa noite sem dormir,
numa noite muito escura,
viu a lua sorrir.

O girassol ficou gira
e gira, gira que gira,
mas de noite, não de dia.

O sol, com tanta luz,
já não o seduz.
Vive quieto o dia inteiro
muito triste e cabreiro.

À noite ele se encanta,
enfeita-se, dança e canta.
E a lua também enfeitada
faz caprichos de namorada.

O girassol de minha rua
agora virou giralua.

ELIAS JOSÉ. *Um pouco de tudo: de bichos, de gente, de flores.* São Paulo: Paulus, 1982.

Glossário

Gira: maluco.
Seduz: encanta, conquista.

MENU UNIDADES: 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 Sair 143

Figura 8: Visualização da página do CD- ROM do livro didático (BRASIL, 2010, p.143)

Para a tradução deste sentido a tradutora elaborou o enunciado [top.LUA ATRAÇÃO NAMORAR] (figura 9) rico em expressão facial, a tradutora ainda coloca uma mão no queixo, joga um beijo e pisca o olho.



Vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NwDuqG2ZkA0&feature=youtu.be>>

Figura 9: ATRAÇÃO

Tal estratégia faz uso de gestos/expressões corporais que realçam o sentido de que a Lua também está apaixonada pelo Girassol. A tradutora direciona o tronco e a sinalização para seu lado direito, onde imageticamente estaria o girassol, utilizando-se

da incorporação da personagem Lua. Desta forma, nesse trecho ela utiliza o discurso em primeira pessoa como se fosse a lua falando para o girassol que ela está enfeitiçada. Assim, a tradutora configura um diálogo, o que está um pouco distante da voz do narrador do poema.

Albres (2013, p. 13), em análise de tradução afirma ser comum “transformar o texto em português que está em terceira pessoa (ele) [...] em discurso direto, usando a primeira pessoa (eu). Essa estrutura é essencial à enunciação que envolve incorporação dos personagens”.

Consideramos que a tradução executada atingiu o objetivo pretendido do termo ‘enfeitiçada’, e mais, toda a encenação completa o efeito total da sentença de ‘caprichos de namorada’ do texto de partida: “E a lua também **enfeitiçada** faz caprichos de namorada”.

c) “Amarrado aos seus pés”

A terceira expressão metafórica em destaque na sentença “Trago seu amor de volta em 24 horas, gamado, **amarrado aos seus pés**” foi identificada no recorte do texto da página de classificados em jornal de anúncio de serviços no livro da segunda série (BRASIL, 2010, p.28), porém não encontramos tradução disponível.

<p>OVOS DE PÁSCOA Caseiro, caixinhas de bombons, ovos e corações trufados. Requite Cestas. Tratar no telefone: 1122-3344</p> <p>PAPS POÇOS ARTESIANOS Recuperadora de bombas submersas e perfuração de poços. Tr. F: 1122-3344</p> <p>SALÃO DE FESTAS - ALUGO 450/200 Pessoas Tr. F: 1122-3344</p>	<p>SAX-SOPRANO VENDE-SE Weril Master, dourado, ótimo estado. Sax Tenor Spectra, dourado, ótimo estado (quase zero) Tr. F: 1122-3344 Falar com Aguinaldo.</p> <p>TINTAS VAREJÃO DAS TINTAS Pinte c/ a gente e fique contente. Confira os nossos preços. Cobrimos qualquer orçamento. Av. Brasil, 55 Tr. F: 1122-3344</p>	<p>TINTAS Belon Tintas. Massa Corrida R\$ 19,00, grafiato R\$ 59,00, saldo Real Latex GL R\$ 20,00, saldo Wandamur GL R\$ 20,00 Tr. F: 1122-3344</p> <p>VIDENTE DO AMOR Trago seu amor de volta em 24 horas, gamado e amarrado a seus pés. Faça o que os outros só prometem. www.videntodoamor.kit.net Tr. F: 1122-3344</p>
---	---	---

O Imparcial, Presidente Prudente, 8 abr. 2004. (Texto adaptado.)

Vamos explorar o texto

2 Qual é a intenção dos textos acima?

- Contar uma história.
- Anunciar alguma coisa.
- Convidar para uma festa.

Anúncios são textos escritos para anunciar algo, isto é, comprar, vender ou trocar um produto ou serviço, informar e pedir ajuda às pessoas. Pequenos anúncios são chamados de classificados.

3 Qual destas intenções não é possível encontrar nos anúncios lidos?

- Vender um objeto.
- Oferecer um emprego.
- Oferecer um serviço.
- Você conhece outras finalidades para os anúncios classificados?

4 Transcreva no caderno a alternativa com a informação que está presente em todos os anúncios.

- O preço.
- O local.
- O número de telefone para contato.

MENU UNIDADES: 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 Sair 28

Figura 10: Visualização da página do CD-ROM do livro didático (BRASIL, 2010, p.28)






























A página em que foi identificada a metáfora é constituída de exercícios que se referem ao conteúdo textual do recorte de jornal como pode ser visualizado na imagem acima (figura 10). Em praticamente todas as partes textuais está disponível um ícone que serve de link para abrir o vídeo da sinalização correspondente àquele trecho. Contudo, o segmento dos classificados não apresenta tradução e isso nos fez refletir: De que modo então o surdo responderia às questões? Esta parte do texto não precisaria ser traduzida? Quais foram os critérios para deixar de traduzir esse texto?

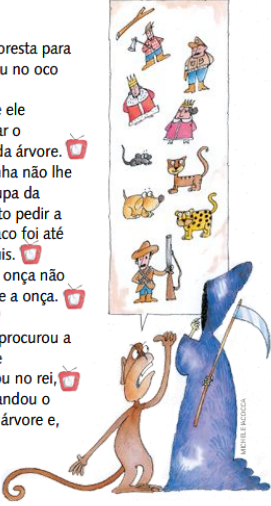
4.2.2 Categoria 2 – metáforas que expressam *ações* – mais especificamente a ação de *não dar atenção*; para o sentido de “não dar atenção” a outra pessoa em um processo interativo, identificamos três metáforas em português no livro da primeira série (BRASIL, 2010, p. 71) no mesmo texto do gênero narrativa em que aparecem dois narradores. Essas metáforas encontram-se no mesmo contexto e carregam o mesmo

sentido. A narrativa conta a história de um macaco que deixou sua banana cair no oco de uma árvore e resolve pedir ajuda a diversas personagens.

a) “Não ligou para ele”

Para a expressão em destaque na sentença “Ô seu lenhador, venha mandar o pedaço de pau ajudar a apanhar minha banana que caiu no oco da árvore. O lenhador **não ligou para ele.**”

O lenhador não ligou para ele. 
 Exasperado, o macaco procurou o delegado e lhe disse: 
 — Ô seu delegado, venha mandar o lenhador ir comigo até a floresta para mandar o pedaço de pau ajudar a apanhar a minha banana que caiu no oco da árvore. 
 O delegado não obedeceu.  O macaco foi até o rei pedir que ele mandasse o delegado mandar o lenhador até a floresta para mandar o pedaço de pau ajudar a apanhar a banana que tinha caído no oco da árvore. 
 O rei não lhe deu atenção.  O macaco foi atrás da rainha. A rainha não lhe deu ouvidos.  O macaco foi até o rato pedir que ele roesse a roupa da rainha.  O rato se recusou a atender.  O macaco foi até o gato pedir a ele que comesse o rato.  O gato não fez conta dele.  O macaco foi até o cachorro pedir a ele que morderesse o gato.  O cachorro não quis. 
 O macaco foi até a onça pedir a ela que comesse o cachorro.  A onça não respondeu.  O macaco foi até o caçador pedir a ele que matasse a onça. 
 O caçador se negou a obedecer.  O macaco foi até a Morte. 
 A Morte sentiu pena do macaco  e ameaçou o caçador, que procurou a onça,  que perseguiu o cachorro,  que seguiu o gato,  que atormentou o rato,  que roeu a roupa da rainha,  que mandou no rei,  que ordenou ao delegado,  que chamou o lenhador,  que mandou o pedaço de pau ajudar o macaco,  que tirou a banana do oco da árvore e, finalmente, a comeu. 



HELOISA PRIETO. *Lá vem história.*
 São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1997.



Figura 11: Visualização da página do CD- ROM do livro didático (BRASIL, 2010, p.71)

Percebemos a voz do macaco em forma de pedido e em seguida percebemos a voz do narrador que expõe areação do interlocutor do macaco, no caso o lenhador. Para o sentido da metáfora destacada a tradutora utilizou o sinal VER (figura 12) acompanhado de expressão facial correspondente ao sentimento de desprezo.



Vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IsdFCYJSQ5w&feature=youtu.be>>

Figura 12: VER

Mantendo a configuração da mão, ela realiza como estratégia, a incorporação da personagem lenhador e faz um movimento de cabeça para o lado contrário da localização imaginária do macaco, intensificando-o com a virada do tronco e a orientação da mão. Esta escolha tradutória manteve o sentido de não prestar atenção e, além disso, de forma coerente com a cultura surda que preza pelo uso da visão, do contato visual para dar atenção ao que o outro diz, de modo que se uma pessoa, tanto o surdo como o ouvinte, quando olha para o outro lado durante o enunciado do outro essa pessoa não estará prestando atenção.

b) “Não lhe deu ouvidos”

Já na sentença “A rainha **não lhe deu ouvidos**” a escolha tradutória pode ser descrita então como [cl.PESSOA MULHER COROA] [MACACO IR] [PESSOA ANDAR].



Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sahZ-Cc50_8&feature=youtu.be>

Figura 13: cl.PESSOA ANDAR

A tradutora utiliza espaço *token*⁷ para a sinalização, o que descreve uma narração mais distanciada do que a incorporação, mesmo com a presença de expressão facial de desdém da personagem rainha e carrega traços textuais anteriores presentes na sentença que podem ter influenciado nas escolhas da forma de sinalização, de modo a manter a coerência da narrativa. E assim, atinge o sentido pretendido que é de não dar atenção a alguém e complementa com a colocação de que a rainha sai de cena, desloca-se para fora da interação com o macaco.

c) “Não fez conta dele”

“O gato **não fez conta dele**”. Para esta sentença a tradutora utilizou-se de uma metáfora comumente utilizada nos discursos em Libras, a qual pode ser descrita como JOGAR para TRÁS em que a tradução se da no nível lexical na língua fonte abrange o sentido pretendido de ver/ouvir, mas não dar atenção.



Vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=W0Ij4mzf7to&feature=youtu.be>>

Figura 14: JOGAR TRÁS

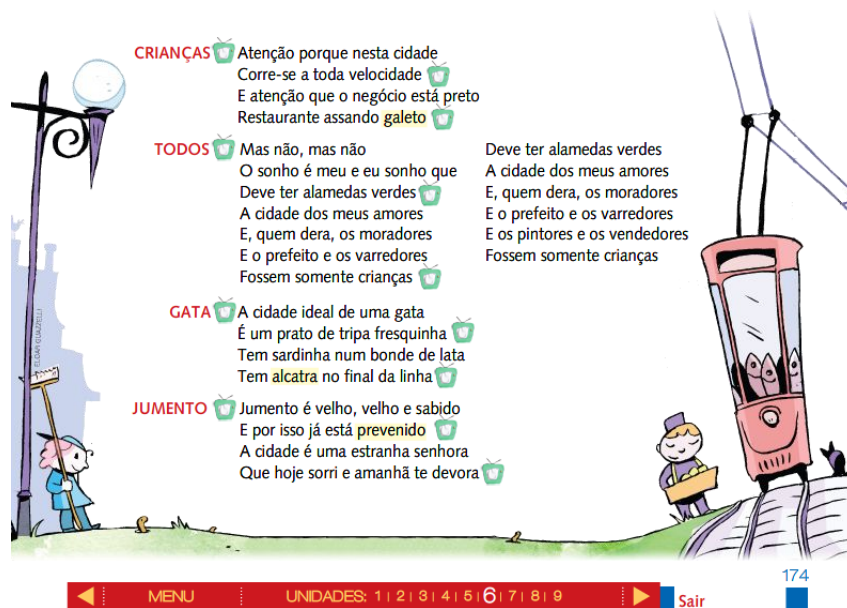
⁷Espaço mental *Token*, segundo Liddel e Metzger (1998 apud XAVIER, 2012, p. 92-93), é denominado aquele em que o indivíduo sinaliza realizando referências por meio de apontamento e/ou demarcações no espaço neutro a sua frente indicando terceira pessoa.

Notamos também que a tradutora proporciona coesão textual ao manter, nas três unidades selecionadas da narrativa, a direção do olhar, o posicionamento do tronco por meio do recurso *role shift*⁸ e a sinalização no mesmo lugar, sempre de acordo com a posição das personagens. Além disso, a tradutora enriquece o texto com a variedade no vocabulário empregado para o mesmo sentido, evitando a repetição lexical.

4.2.3 **Categoria 3** – metáforas que expressam *dificuldades* – mais especificamente o *modo de ver uma situação difícil*. Nessa categoria também identificamos três metáforas para análise.

a) “O negócio está preto”

A primeira delas foi retirada/encontrada no livro da segunda série (BRASIL, 2010, p.174) em um texto de gênero definido no próprio livro como música. A letra conta a história de personagens avisando sobre feitos na cidade grande.



⁸ *Role Shift* é a denominação dada ao movimento do tronco à esquerda e/ou à direita realizado pelo sinalizante conforme a incorporação de personagens em uma narrativa demonstrando a troca de papéis no discurso (FELIPE, 2013).

Figura 15: Visualização da página do CD- ROM do livro didático (BRASIL, 2010, p.174)

Para a metáfora em destaque na sentença “E atenção que **o negócio está preto**” a tradutora sinaliza COISAS BRAV@ DIFÍCIL (figura 9), realizando apontamento no espaço neutro a sua frente, o que remete diretamente a um narrador, o qual conta que estão acontecendo coisas difíceis se referindo a um restaurante que esta assando galeto.



COISAS BRAV@ DIFÍCIL

Figura 16: Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_QzrUb8519I&feature=youtu.be>

Esta tradução contempla de forma ampla o sentido proposto. Mantém inclusive, por meio das expressões faciais marcantes e direção do olhar adequados à metáfora, elementos implícitos próprios de uma metáfora (ao dizer “coisas” sem especificar) o que incentiva a interpretação individual do aluno.

b) “Não é canja”

A segunda metáfora foi identificada no livro da terceira série (BRASIL, 2010, p.44) na sentença “Ser laranja **não é canja**” no texto do gênero poema, no qual as personagens são hortifrutis tecendo suas reclamações no supermercado e a frase provém do discurso da personagem laranja que carrega o sentido de que ser laranja *não é fácil*.

Apresentação e avaliação

- Leia o seu resumo em casa, para alguém que não conheça a história.
- Verifique se ele entendeu a história que você leu. Assim, você poderá verificar se esqueceu algum dado importante.
- Depois, dê a essa pessoa o texto integral, com a história completa, para que ela compare os dois. Peça a ela que escreva qual lhe agradou mais e por que, e que leia a avaliação para você.

OFICINA DE CRIAÇÃO

Poema

1 Leia o poema.

Saladinha de queixas

Vindos do supermercado
estão juntos, lado a lado,
como velhos companheiros,
os hortifrutigranjeiros:
[...]
Então, frutas e legumes
Expuseram seus queixumes,
Discutiram e falaram
E muito se lamentaram:
[...]
(Quem falou foi a laranja):
Ser laranja não é canja,
quando o meu nome dão
a quem acham que é bobão!



MENU UNIDADES: 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 Sair 44

Figura 17: Visualização da página do CD- ROM do livro didático (BRASIL, 2010, p.44)

A tradutora realizou a identificação do narrador, por meio de referência, no espaço neutro levemente à esquerda e com uma marcação nominal para designar de quem seria a voz, uma forma natural e coerente de anunciar uma incorporação. A escolha consistiu no enunciado em Libras [LARANJA ELA_{top}. FALOU:] [MARCA NOME LARANJA MEU_{top}. FÁCIL NÃO] (figura 10) e, para reforçar o objetivo do discurso da laranja como uma queixa, a tradutora fez uso da expressão facial intensificada. Assim o conjunto de escolhas bem empregadas deixa claro o sentido pretendido.



Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KIyOe_e6ENw&feature=youtu.be>

Figura 18: FÁCIL NÃO

c) “Era dura”

A terceira metáfora levantada desta categoria está no livro da quarta série (BRASIL, 2010, p. 9) em um texto narrativo que conta a história de Portinari desde o início de sua trajetória como artista. “**A vida do menino de Brodósqi na nova cidade era dura.**”

[...] O garoto, que era pensativo, sempre mostrou que tinha jeito para pintura. Ele vivia desenhando. Mas não havia futuro para o seu talento numa cidade como Brodósqi. Candinho precisava estudar no Rio de Janeiro!

A chance surgiu quando o garoto tinha 15 anos: uma família de Brodósqi, dona de pensão no Rio de Janeiro, decidiu vir para a cidade natal por causa da gripe espanhola, doença que se alastrava na época. Então, o pai de Portinari perguntou se o filho não poderia trabalhar na pensão da família. A idéia foi aceita e... Candinho passou noites sem dormir, com pena de deixar seus pais e irmãos.

[...]



CANDIDO PORTINARI. *Baile na roça*, 1923-1924, óleo sobre tela, 97 x 134 cm.

Próxima estação: Rio de Janeiro

[...]

A vida do menino de Brodósqi na nova cidade era dura. Além de estudar, Portinari trabalhava para sobreviver. Ele entregava marmittas para a pensão e, por vezes, mudou seu caminho só para não encontrar colegas das aulas. Portinari era bem diferente deles: menino do interior, tinha pouco estudo e era pobre. Então, nem sempre era aceito.

Na época, o que marcava o início da carreira de um pintor era um prêmio: uma viagem ao exterior! Em 1924, Portinari decidiu concorrer a ele, apresentando quatro retratos e o quadro *Baile na roça*, que tinha um tema bem brasileiro e os personagens, inspirados em gente de Brodósqi! Mas, por ser diferente do tradicional, a obra foi rejeitada pela organização do concurso, que só aceitou os retratos na competição.

[...] A vitória viria apenas quatro anos depois. Então, o artista ganharia o mundo e perceberia que a sua vocação era retratar o Brasil!

MENU UNIDADES: 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 Sair

Figura 19: Visualização da página do CD- ROM do livro didático (BRASIL, 2010, p.9)



Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7hHufF_2Xic&feature=youtu.be>

Figura 20: pant.SOFRER

A tradutora enunciou inicialmente, como correspondente em Libras para a expressão destacada em português, um gesto de pantomima que contemplou um sentido

de situação complicada, difícil, confusa e, após isso, utilizou o sinal de SOFRER para alcançar de forma bem sucedida o significado, tanto para o léxico *sofrer* enquanto sinal com baixo nível de iconicidade e representante de conteúdo abstrato (sentimento) quanto no nível semântico em que se traduz um sentido de complicado/situação complicada para a metáfora correspondente no português *vida dura*. A troca de narrador e personagem acontece de forma quase imperceptível num dado momento. Durante o uso de pantomima, a tradutora está com o tronco direcionado para o lado e já ao sinalizar sofrer ela está direcionada para frente na posição de narrador. O mesmo acontece com a tradução de *ser laranja não é canja* (figura 18) em que o narrador vem primeiro anunciando a personagem do discurso e logo a tradutora incorpora a personagem laranja. Nas traduções de *não lhe deu ouvidos* (figura 13) e *não ligou para ele* (figura 12) podemos identificar a situação em que, durante a narrativa, o sinalizante é ao mesmo tempo personagem e narrador, tal como descrevem Liddel e Metzger (1998, apud XAVIER, 2013).

Como coloca Weininger (2009), o tradutor deve ter uma enorme capacidade de mimetização para designar os mais diversos personagens e conceitos como percebido na tradução de *vida dura* (figura 20) e na sinalização que faz uso de gestos e pantomima para complementar o sentido de *enfeitiçada* (figura 9).

Mesmo tendo o mesmo sentido o tradutor pode traduzir as formas diferentes com várias estratégias, como foi o caso das três formas apresentadas para o sentido de *não dar atenção* em que a tradutora realizou duas delas com a mesma estratégia, virando tronco e cabeça para o lado direito em sinal de desprezo, e a terceira forma realizou um sinal que abarca o sentido de ver, mas não dar atenção ao locutor. Uma das formas interessantes encontradas na busca por correspondência na língua alvo de acordo com a ideia de Sobral (2008) foi a utilização de outra metáfora como na tradução de *não*

fez conta dele (figura14) o que, aliás, gerou grande dificuldade em realizar a transcrição em glosas, mesmo sabendo o significado do léxico e o sentido adotado. Para fins de transcrição só conseguimos encontrar correspondências também metafóricas ou gírias para o sinal utilizado na tradução.

Apresentamos a seguir o esquema sucinto de descrição das estratégias adotadas pelos tradutores no material pesquisado.

SENTIDO	Trecho em que apresenta a metáfora	Formas
SENTIMENTO/ APAIXONADO	“ Perdido de amores , ele se dirigiu pessoalmente ao reino do rival” (BRASIL, 2010, 1ª Série, p. 122)	Tradução pelo sentido, utilizou o sinal de AMOR
	“E a lua também enfeitada faz caprichos de namorada” (BRASIL, 2010, 1ª Série, p. 143)	Tradução pelo sentido, buscou o correspondente ATRAÍDA e utilizou de pantomima de rápida e fácil compreensão
	“Trago seu amor de volta em 24 horas, gamado, amarrado aos seus pés ” (BRASIL, 2010, 2ª Série, p. 28)	_____
AÇÃO/ NÃO DAR ATENÇÃO	“Ô seu lenhador, venha mandar o pedaço de pau ajudar a apanhar minha banana que caiu no oco da árvore. O lenhador não ligou para ele ” (BRASIL, 2010, 1ª Série, p. 71)	Tradução pelo sentido, utilizou incorporação com o sinal VER
	“A rainha não lhe deu ouvidos ” (BRASIL, 2010, 1ª Série, p. 71)	Tradução pelo sentido, utilizou referenciação e incorporação com o classificador de PESSOA ANDAR
	“O macaco foi até o gato pedir a ele que comesse o rato. O gato não fez conta dele. ” (BRASIL, 2010, 1ª Série, p. 71)	Tradução pelo sentido, utilizou outra metáfora correspondente em Libras
DIFICULDADES/ MODO DE VER UMA SITUAÇÃO DIFÍCIL.	“ A vida do menino de Brodóski na nova cidade era dura ” (BRASIL, 2010, 4ª Série, p. 09)	Tradução pelo sentido, utilizou pantomima e o léxico SOFRER
		Tradução pelo sentido

	<p>“Ser laranja não é canja” (BRASIL, 2010, 3ª Série, p. 44)</p>	<p>acompanhando a estrutura sintática do texto fonte utilizou a expressão “não é fácil”, FÁCIL NÃO correspondente em Libras.</p>
	<p>“E atenção que o negócio está preto” (BRASIL, 2010, 2ª Série, p. 174)</p>	<p>Tradução pelo sentido, atribuiu a “preto” o sentido de BRAV@ DIFÍCIL.</p>

Tabela 3: Esquema de descrição das formas analisadas

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com essa pesquisa, apresentamos as diferentes estratégias utilizadas para as traduções de metáforas. E como consequência, por meio de estudo das teorias abordadas neste trabalho, como a Cognitivo-conceitual e a Enunciativo-Discursiva, podemos melhor entender a estruturação do pensamento, da linguagem e das línguas de sinais no que se refere às metáforas e interligando nesse processo a questões culturais, linguísticas e tradutórias. Nesta trajetória, percebemos a importância do trabalho de traduções alavancado e realizado por profissionais ligados a editora Arara Azul, sendo inquestionável para o acesso do sujeito surdo aos conteúdos curriculares.

Como as metáforas são construídas e entendidas em decorrência de experiências para com o nosso mundo, a tradução de metáforas tende a ser dirigida a cultura alvo, assim se torna não aconselhável traduzir a metáfora de forma literal se ela não estiver abarcada também pela cultura alvo, pois pode prejudicar a comunicabilidade-compreensão textual. Porém, os elementos que fizeram previamente parte da “cultura surda” poderão ser considerados aspectos comuns entre as duas esferas linguísticas e sociais do Brasil. A tradução surge também como forma de tornar o conteúdo, não só acessível em Libras, como também inteligível para as crianças e para os jovens surdos.

As formas de tradução descritas neste trabalho nos fizeram refletir sobre a existência da influência social nas decisões de tradução. Nesse contexto, os livros didáticos com distribuição nacional em uma proposta de educação bilíngue para surdos no Brasil representam certa pressão de responsabilidade de conteúdo e nos leva a pensar que quanto mais prestígio tem o texto fonte mais próxima da literalidade tende a ser a tradução, ou “gramatical e lógica” nas palavras de Lefevere (2007), mesmo no par Libras/Português. Os resultados registrados aqui também mostram que cada tradutor é

responsável por sua tradução, pelas escolhas linguísticas e estratégias utilizadas, conforme seu entendimento do texto e seu conhecimento de mundo e da língua, mesmo em um material com supervisão de tradução. E, nas palavras de Weininger (2009, p. XXVI), “em todas as línguas é possível dizer tudo, mesmo que o pensamento tome outros caminhos”.

Com as análises, compreendemos que a adequação da tradução ao público alvo é vital, uma vez que muitas metáforas em português diferem consideravelmente da cultura a que pertence a língua de sinais, assim se traduzidas de forma literal ocasionam choque e incoerência ou se traduzidas pelo sentido pode acarretar na desconstrução da metáfora. Contudo, os tradutores em sua maioria buscaram estratégias de tradução com o enfoque no sentido pretendido a fim de alcançar o público alvo e, quando possível, utilizaram expressões metafóricas correspondentes em língua de sinais.

Caberia uma investigação mais profunda acerca das dúvidas que foram levantadas com este trabalho. Uma delas está relacionada à compreensão dos surdos de sua língua e o quanto de português é transposto para eles, não só como conteúdo curricular, mas os elementos que subjazem à cultura e são transpostos por meio da língua. E a outra seria estudar desdobramentos do tema e direcioná-lo a uma análise discursiva objetivando desenvolver uma percepção crítica da sociedade e suas ideologias, além dos elementos em mútua influência com a linguagem, como afirmam Lakoff e Johnson e Bahktin em suas respectivas teorizações acerca da linguagem e da relação com o social.

REFERÊNCIAS

- ALBRES, Neiva de Aquino; Integração entre metáfora, metonímia e iconicidade: estudos da linguística cognitiva. In: ALBRES, N.; XAVIER, A. (Org.). **Libras em estudo: descrição e análise**. São Paulo: Editora Feneis, 2012. p. 57-83.
- ALDRIGUE, Natália de Sousa. **A metáfora conceptual como recurso argumentativo em folders turísticos**. Dissertação (mestrado) – 2007. Programa de Pós Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- ANDRADE, Karen Alves de. Os gêneros textuais e o livro didático de língua portuguesa: da teoria à prática. Universidade Estadual de Londrina. **Anais do SIELP**. Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012.
- ARARA AZUL, Site da Editora. A Empresa. Disponível em: <<http://editora-arara-azul.com.br/site/empresa>> Acesso em: 16-04-2015.
- BRASIL, **Decreto n.º 5626/05** de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a lei n.º 10.436 e o art. 18 da Lei n.º 10.098. Casa Civil, República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 22 de dezembro de 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm> Acesso em: 16-04-2015.
- BRASIL, **Lei n.º 10.436/02**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências. Casa Civil, República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 24 de abril de 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm> Acesso em: 16-04-2015.
- BRASIL, **Lei nº 13.005**, de 25 de junho de 2014 Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Casa Civil, República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 25 de junho de 2014. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm> Acesso em: 04-05-2015.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Projeto Pitangua: Português, 1º série**. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília, 2008. CD-ROM.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Projeto Pitangua: Português, 2º série**. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília, 2008. CD-ROM.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Projeto Pitangua: Português, 3º série**. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília, 2008. CD-ROM.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Projeto Pitangua: Português, 4º série**. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília, 2008. CD-ROM.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. B823p **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: 144p. PCN da língua portuguesa de 1º a 4º série disponível em:<<http://cptstatic.s3.amazonaws.com/pdf/cpt/pcn/volume-02-lingua-portuguesa.pdf>> Acesso em 04-05-2015.

FARIA, Sandra Patrícia. **Metáfora na LSB: debaixo dos panos ou a um palmo de nosso nariz?** - 2006. ETD - Educação Temática Digital - Vol. 7, N° 2.

FELIPE, Tânia A. **LIBRAS em Contexto**. Rio de Janeiro: FENEIS, 2005.

FELIPE, Tanya A. O discurso verbo-visual na língua brasileira de sinais – Libras / *The verbal-visual discourse in Brazilian Sign Language – Libras*. Universidade de Pernambuco – UPE. **Revista Bakhtiniana**, São Paulo, 8 (2): 67-89, Jul./Dez. 2013.

GERHARDT, Tatiana Engele; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa** / [organizado por] coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark L. **Metáforas da Vida Cotidiana**. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

NUNES, Silvia Regina. **Metáfora e espetáculo no discurso de divulgação científica da mídia**. Dissertação (Mestrado) – 2005. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá.

OLIVEIRA, Paula Helouise. **Metáfora Conceptual e Língua de Sinais-libras**. UERJ. *Cadernos do CNLF*, Vol. XIV, N° 4, t. 3.

PUZZO, Miriam Bauab. Gêneros discursivos: capas de revista. **Revista Caminhos em linguística aplicada, UNITAU**. Volume 1, Número 1, 2009. Disponível em: <www.unitau.br/caminhosla>. Acesso em: 03-05-2015.

RAMOS, Clélia Regina. Livro didático digital em libras: Uma Proposta de Inclusão para Estudantes Surdos. **Revista virtual de cultura surda**. Centro Virtual De Cultura Surda. Edição nº 11 / Julho de 2013. Editora Arara Azul Ltda. Petrópolis, RJ. Disponível em: <<http://editoraararaazul.com.br>> Acesso em: 16-04-2015.

SARDINHA, Tony Berber. **Metáfora**. São Paulo: Editora Parábola, 2007.

SILVA, Heber de Oliveira Costa e. **Tradução e Dialogismo: um estudo sobre o papel do tradutor na construção do sentido**. UFPE: Recife, 2011. Capítulo 1 - A natureza da tradução.

SILVA, Jailma M. da. **As funções semântico-discursivas da metáfora conceptual em propagandas veiculadas em outdoors**. Dissertação (mestrado) – 2006. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.

SOBRAL, Adail. **Dizer o mesmo aos outros: ensaios sobre tradução**. São Paulo: Special Book. Service Livraria, 2008.

XAVIER, André Nogueira. A estrutura interna dos sinais da Libras à luz do modelo de análise fonético-fonológica de Liddell e Johnson (1989). In: ALBRES, N.; XAVIER, A. (Org.) **Libras em estudo: descrição e análise**. São Paulo: Editora Feneis, 2012. p.13-56.

WEININGER, Markus J. Estrela Guia ou Utopia inalcançável - Uma breve reflexão sobre a equivalência na tradução. In: CARDOZO, M.; HEIDERMAN, W.; WEININGER, M. **Escola Tradutológica de Leipzig**. Frankfurt. Peter Lang, 2009.p. xix-xxviii.

WILCOX, Phyllis Perrin. **Metaphor in American Sign Language**. Washington, DC: Editora da Gallaudet University, 2000.

ANEXO – SISTEMA DE TRANSCRIÇÃO PARA A LIBRAS (FELIPE, 2005)

As línguas de sinais têm características próprias e por isso vem sendo utilizado mais o vídeo para sua reprodução à distância. Existem sistemas de convenções para escrevê-las, mas como geralmente eles exigem um período de estudo para serem aprendidos, neste livro, estamos utilizando um "**Sistema de notação em palavras**".

Este sistema, que vem sendo adotado por pesquisadores de línguas de sinais em outros países e aqui no Brasil, tem este nome porque as palavras de uma língua oral-auditiva são utilizadas para representar aproximadamente os sinais.

Assim, a LIBRAS será representada a partir das seguintes convenções:

1. Os sinais da LIBRAS, para efeito de simplificação, serão representados por itens lexicais da Língua Portuguesa (LP) em letras maiúsculas.

Exemplos: CASA, ESTUDAR, CRIANÇA, etc.;

2. Um sinal, que é traduzido por duas ou mais palavras em língua portuguesa, será representado pelas palavras correspondentes separadas por hífen.

Exemplos: CORTAR-COM-FACA, QUERER-NÃO "não querer", MEIO-DIA, AINDA-NÃO, etc.;

3. Um sinal composto, formado por dois ou mais sinais, que será representado por duas ou mais palavras, mas com a ideia de uma única coisa, serão separados pelo símbolo [^].

Exemplos: CAVALO[^]LISTRA “zebra”;

4. A datilologia (alfabeto manual), que é usada para expressar nome de pessoas, de localidades outras palavras que não possuem um sinal, está representada pela palavra separada, letra por letra por hífen.

Exemplos: J-O-Ã-O, A-N-E-S-T-E-S-I-A;

5. O sinal soletrado, ou seja, uma palavra da língua portuguesa que, por empréstimo, passou a pertencer à LIBRAS por ser expressa pelo alfabeto manual com uma incorporação de movimento próprio desta língua, está sendo representado pela datilologia do sinal em itálico.

Exemplos: *R-S* “reais”, *A-C-H-O*, *QUM* “quem”, *N-U-N-C-A*, etc.;

6. Na LIBRAS não há desinências para gêneros (masculino e feminino) e número (plural), o sinal, representado por palavra da língua portuguesa que possui estas marcas, está terminado com o símbolo @ para reforçar a idéia de ausência e não haver confusão.

Exemplos: AMIG@ “amiga(s) e amigo(s)”, FRI@ “fria(s) e frio(s)”, MUIT@ “muita(s) e muito(s)”, TOD@, “toda(s) e todo(s)”, EL@ “ela(s), ele(s)”, ME@ “minha(s) e meu(s)” etc;

7. Os traços não-manuais: expressões facial e corporal, que são feitos simultaneamente com um sinal, estão representados acima do sinal ao qual está acrescentando alguma idéia, que pode ser em relação ao:

a) tipo de frase ou advérbio de modo: interrogativa ou... i ... negativa ou ... neg ... etc

Para simplificação, serão utilizados, para a representação de frases nas formas exclamativas e interrogativas, os sinais de pontuação utilizados na escrita das línguas oral-auditivas, ou seja: !, ? e ?!

b) advérbio de modo ou um intensificador: muito rapidamente exp.f(expressão facial) "espantado" etc;

	interrogativa	exclamativo	muito
Exemplos:	NOME	ADMIRAR	LONGE

8. Os verbos que possuem concordância de gênero (pessoa, coisa, animal), através de classificadores, estão representados tipo de classificador em subscrito.

Exemplos: pessoaANDAR, veículoANDAR, coisa-arredondadaCOLOCAR, etc;

9. Os verbos que possuem concordância de lugar ou número-pessoal, através do movimento direcionado, estão representados pela palavra correspondente com uma letra em subscrito que indicará:

a) a variável para o lugar:

i = ponto próximo à 1ª pessoa,

j = ponto próximo à 2ª pessoa,

k = pontos próximos à 3ª pessoa,

e = esquerda,

d = direita;

b) as pessoas gramaticais:

1s, 2s, 3s = 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular;

1d, 2d, 3d = 1a, 2a e 3a pessoas do dual;

1p, 2p, 3p = 1a, 2a e 3a pessoas do plural;

Exemplos: 1s DAR2S "eu dou para "você",

2sPERGUNTAR3P "você pergunta para eles/elas",

kdANDARke "andar da direita (d) para à esquerda (e).

10. Às vezes há uma marca de plural pela repetição do sinal. Esta marca será representada por uma cruz no lado direito acima do sinal que está sendo repetido:

Exemplo: GAROTA +

11. Quando um sinal, que geralmente é feito somente com uma das mãos, ou dois sinais estão sendo feitos pelas duas mãos simultaneamente, serão representados um abaixo do outro com indicação das mãos: direita (md) e esquerda (me),

Exemplos: IGUAL (md) PESSO@-MUIT@ANDAR (me)

IGUAL (me) PESSOA-EM-PÉ (md)

Estas convenções vem sendo utilizadas para poder representar, linearmente, uma língua espaço-visual, que é tridimensional. Com base em Felipe (2005) o esquema de notação adotado neste trabalho foi:

- a) os sinais da Libras serão representados por meio de itens lexicais do Português em letras maiúsculas;

Exemplo: PESSOA, COROA, ATRAÇÃO

- b) Como na Libras não há desinência de gênero (masculino e feminino), a desinência nas palavras em Português serão representadas com o símbolo @ para indicar essa ausência;

Exemplo: APAIXONAD@

- c) as expressões faciais (piscar de olhos) serão registradas com o uso de descrição;
- d) quando em sentenças, elas ficarão entre colchetes;

Exemplo: [top.LUA ATRAÇÃO NAMORAR]

- e) os marcadores não-manuais gramaticais de Tópico, os gestos pantomímicos e os classificadores serão representados do lado esquerdo do item lexical a que corresponde. Será utilizada abreviação em letras minúsculas “top.”, “pant.” e “cl.”, respectivamente;

Exemplo: [cl.PESSOA MULHER COROA] [MACACO IR] [PESSOA ANDAR]

- f) As metáforas serão representadas por sentença sem colchetes com verbo no infinitivo e preposições em letras minúsculas.

Exemplo: ARRASTAR-no-CHÃO

Apêndice 1

Livro 1ª série				
	Número da página	Trecho do texto em que a metáfora foi empregada	Explicação do sentido da metáfora	Gênero textual em que a metáfora foi empregada
1	P.08; 23; 38; 70, 98, 128, 143, 190, 222, 254, 266	“Durante a leitura, fique de olho! ”	Atenção	Texto de ordem
2	P.33	“a noite começava a cobrir a floresta com seu manto escuro ”	Anoitecer	Narrativa
3	P.71	“A rainha não lhe deu ouvidos ”	Não deu atenção	Narrativa
4	P.71	“Ô seu lenhador, venha mandar o pedaço de pau ajudar a apanhar minha banana que caiu no oco da árvore. O lenhador não ligou para ele ”	Não deu atenção	Narrativa
5	P.71	“O macaco foi até o gato pedir a ele que comesse o rato. O gato não fez conta dele. ”	Não deu atenção	Narrativa
6	P.79	“Todos cantaram juntos sem atropelos ”	Sem desencontro de vozes	Pergunta
7	P.82	“Gretel, hoje a noite tenho um convidado para o jantar. Prepare-me duas galinhas caprichadas ”	Cozinhar com frango de modo que fique saboroso	Narrativa
8	P. 107	“A doce vida de um cachorro”	Agradável	Título de Texto
9	P. 107	“Mas são assim, os humanos. Muitas vezes quando cantam, parecem uma lixa raspando o cimento ”	Humanos cantando desafinados	Narrativa
10	P. 119	“O pêlo é escuro, misturado com branco, as orelhas são pretas e o rabo é longo e ‘careca’ ”.	Rabo sem pelos	Texto expositivo
11	P. 122	“ Perdido de amores , ele se dirigiu pessoalmente ao reino do rival”	Apaixonado	Narrativa
12	P. 122	“ Pedir a mão da sua irmã	Pedir permissão para	Narrativa

		em casamento”	casar	
13	P. 123	“ Recusou-me a mão da irmã”	Negou a permissão de casamento	Narrativa
14	P. 123	“ Deixando de lado a missão que o chefe lhe havia confiado.”	Não realizando	Narrativa
15	P. 128	“Enquanto, no fundo do jardim, triste e sedenta, a rosa morria aos poucos ”	Sentido literal e metafórico/Ambíguo	Narrativa
16	P. 128	“ Deu de cara com um lobo enorme”	Encontrou	Narrativa
17	P. 128	“ A noite chegou ”	Anoiteceu	Narrativa
18	P. 129	“E ficou olhando, através das lágrimas, o fogo queimando na lareira [...]. De repente, porém, as chamas começaram a dançar com mais vivacidade ”	Fazendo movimentos mais rápidos	Narrativa
19	P. 143	“E a lua também enfeitiçada faz caprichos de namorada”	Apaixonada	Poema
20	P. 155	“Depois de lhe dar muitas quedas , vendo que nada arranjava, a velha foi-se embora fumando de raiva ”	Derrubar-lhe várias vezes. Com muita raiva	Narrativa
21	P. 173	“Dessa vez você teve sorte. Conseguiu ser o vencedor. Mas não fique tão vaidoso, um dia da caça, outro do caçador ”	Imprevisibilidade de acontecimentos	Poema
22	P. 188	“Pois esse bicho, o dragão, fazia ‘misérias’ ”	Fazia coisas horríveis	Narrativa
23	P.203	“Depois daquela floresta, atrás do monte ou defronte, num jardim de primavera ”	Estação do ano ou nome de flor	Narrativa
24	P. 211	“ Vive bolando planos para vencer Peter e se tornar famoso.”	Está sempre planejando algo	Texto expositivo
25	P.220	“ Nossos corpos são máquinas incríveis.”	A engenharia do corpo humano comparada a máquinas	Texto expositivo
26	P. 221	“Você já sentiu seu coração bater ”	Pulsar	Enunciado de expressão oral
27	P 239	“ Dor de inveja ”	Sentimento de inveja	Poema

28	P. 241	“ Dor que não passa ”	Não sara, acaba, termina	Enunciado de ordem. Sentença afirmativa.
29	P. 246	“Vamos explorar o texto”	Analisar	Texto de ordem
30	P. 249	“ Meter a cabeça no céu”	Espiar	Narrativa
31	P. 249	“Não teve remédio ”	Escolha	Narrativa
32	P. 249	“Pode me dar uma mão? ”	Ajudar	Tirinha
33	P. 254	“A ilustração trata de uma escola de dragões. ”	Contém explicação sobre	Enunciado texto de ordem
34	P. 274	“Isso traz mais vida ao texto ”	Torna-o mais interessante; qualidade	Sem identificação exata

Apêndice 2

Livro 2ª série				
	Número da página	Trecho do texto em que a metáfora foi empregada	Explicação do sentido da metáfora	Gênero textual em que a metáfora foi empregada
1	P. 08, 20, 36, 49, 82, 98, 112, 142, 158, 173, 190, 220, 248	“ Fique de olho ”	Atenção	Enunciado
2	P.10	“ Coração de criança cabe muito mais coisa que coração de adulto ”	Crianças sonham mais	Poema
3	P. 15	“ Bicho de cidade grande ”	—	Poema
4	P. 15	“Sou figurinha conhecida no pedaço ”	Pessoa conhecida no bairro	Poema
5	P. 17	“Teriam muito mais lugar ao sol ”	Destaque	Poema
6	P. 17	“ Meter o nariz em nossos assuntos?”	Intrometer-se	Poema
7	P. 20	“O rosto que ele pintava era tão lindo e tão vivo que parecia lhe sorrir”	Tão natural	Narrativa
8	P. 27	“ Levanta o dinheiro ”	Ganhar	Texto informativo
9	P. 28	“Trago seu amor de volta em 24 horas, gamado, amarrado aos seus pés ”	Apaixonado	Texto informativo
10	P. 36	“Mares bravos ”	Aagitado	Narrativa
11	P. 56	“ Rolam soltas ”	Acontece muito	Narrativa

12	P. 56	“ Bateu o sinal!!!”	Soou/tocou	Título de texto expositivo
13	P. 60	“Mas a menina sentia dores de consciência todos os dias e pensava que era seu dever libertar os irmãos”	Reflexão/ Consciente	Narrativa
14	P. 66	“ O vento é um artista ”	Designar habilidade natural; Escultor	Texto informativo
15	P. 67	“Cai em pé, corre deitada ”	Escorrer na horizontal	Anedotas Adivinhações
16	P. 78	“Tempo virou ”	Mudou	Narrativa
17	P. 82	“ Deixar a vida correr , sem fazer nada”	O tempo passar	Narrativa
18	P. 82	“Veio perturbar sua doce existência ”	Vida boa, tranquila	Narrativa
19	P. 100	“ Botou na cabeça ”	Determinou	Narrativa
20	P. 174	“E atenção que o negócio está preto ”	A situação está perigosa/difícil	Música
21	P. 174	“ A cidade é uma estranha senhora que hoje sorri e amanhã te devora ”	Imprevisível/ Faz sofrer	Música
22	P. 182	“[...] serão expostas em diversos pontos da cidade”	Lugares	Texto informativo
23	P. 201	“A combinação de espinafre com bula picada foi um veneno para ele.”	Muito ruim	Enunciado de Ordem Sentença afirmativa.
24	P. 206	“ O meu gato , quase louco, decolou ”	Fugiu	Poema rimado
25	P. 234	“Com o coração despedaçado ”	Com tristeza	Fábula
26	P. 255	“ É um país que esta no meu sangue ”	Amor à pátria	Entrevista

27	P. 262	“Há uma única corrente de vida , mas com muitos elos diferentes ”	Diversidade humana unidos através da vida	Narrativa
28	P. 273	“ Explorar o texto”	Analisar	Enunciado de Ordem
29	P. 277	“No meio do oceano das leis ”	Inúmeras	Narrativa

Apêndice 3

Livro 3ª série				
	Número da página	Trecho do texto em que a metáfora foi empregada	Explicação do sentido da metáfora	Gênero textual em que a metáfora foi empregada
1	P. 08, 17, 34, 47, 62, 72, 110, 145, 171, 186, 196, 212, 227	“ Fique de olho ”	Atenção	Enunciado de ordem
2	P. 29	“- Seus olhos estão cheios de estrelas. - Acho que vou chorar.”	Lágrimas	Diálogo
3	P. 44	“ Saladinha de queixas ”	Diferentes Reclamações	Título de poema
4	P. 44	“Ser laranja não é canja ”	Não é fácil/é difícil	Poema
5	P. 63	“ acabar meus dias aqui mesmo ”	Morrer	Narrativa
6	P. 66	“Resolveu repartir suas dores com o desconhecido.”	Desabafar	Enunciado de exercício
7	P. 87	“que pulou do nicho para a rua e se perdeu na escuridão da noite”	Sumiu depressa	Narrativa
8	P. 95	“ O escuro tem mãos de veludo que fazem o coração rolar pela escada ”	Provoca sensação/ficar acelerado	Poema
9	P. 111	“E depois desse tempo ele abriu o jogo ”	Falou a verdade	Narrativa

10	P.146	“e a vida podia seguir seu percursoglorioso ”	Continuar a vida	Narrativa
11	P. 148	“todos esses bichos-papões são filhos da imaginação, da noite impenetrável [...] ”	Surgem na imaginação, misteriosa	Narrativa
12	P. 169	“pra mim não tem futuro dormir de óculos escuros”	Não tem cabimento	Poema
13	P. 198	“ o ar riscado de aviões , de gaivotas e de urubus...”	Rastro no céu	Crônica
14	P.198	“Os homens se explorando mutuamente, se maltratando, se assassinando para colher um segundo de satisfação ao longo de séculos de História”	Para usufruir de, ter um momento de satisfação	Crônica
15	P. 223	“Vamos explorar o texto”	Analisar, estudá-lo	Enunciado de ordem
16	P. 236	“[...] mas vale ficar de olho, né? ”	Ficar atento	Enunciado informativo expositivo.

Apêndice 4

Livro 4ª série				
	Número da página	Trecho do texto em que a metáfora foi empregada	Explicação do sentido da metáfora	Gênero textual em que a metáfora foi empregada
1	P. 08, 122	“ Fique de olho ”	Atenção	Texto de ordem
2	P. 09	“ A vida do menino de Brodósqui na nova cidade era dura ”	Vida difícil	Narrativa
3	P. 09	“Mas não havia futuro para o seu talento [...]”	Sem possibilidade e de desenvolvimento	Narrativa
4	P. 15	“ser um poeta então parecia então uma coisa do outro mundo ”	Ruim, esquisito	Autobiografia
5	P. 15	“ Um desligado , maluco, irresponsável”	Sem atenção	Autobiografia
6	P. 20	“Na tela a imagem que fica É Picasso não tem igual”	Um quadro pintado por Picasso	Poema

			Metonímica	
7	P. 34	“Achou estranho Pois então agora você vai cair da cadeira ”	Mais surpreso ainda	Texto Expositivo
8	P. 36	“E vocês, como se chamam: Digam baixinho o nome de vocês e o meu coração vai ouvir. ”	—	Crônica
9	P. 37	“Enquanto a gente brinca assim, não se sente mais sozinha, e fica de coração quente ”	Fica sentindo-se Bem	Crônica
10	P. 45	“ A prefeitura vai expulsar esses mosquitos da dengue do nosso território ”	O prefeito tomará providências, Bandidos	Informativo
11	P. 52	“ Ter sangue de barata ”	Insensível	Enunciado de ordem. Sentença afirmativa
12	P. 53	“ Chover a cântaros ”	Muito	Enunciado de ordem. Sentença afirmativa
13	P. 53	“ De cabo a rabo ”	Tudo	Enunciado de ordem. Sentença afirmativa
14	P. 53	“ Pisar na bola ”	Errar	Enunciado de ordem. Sentença afirmativa
15	P. 53	“ Morder a isca ”	Ser enganado	Enunciado de ordem. Sentença afirmativa
16	P. 53	“ Entender do riscado ”	Saber do assunto	Enunciado de ordem. Sentença afirmativa
17	P. 57	“ Já era meio caminho andado para o casório”	Quase pronto	Fábula
18	P. 74	“ Levas e levás ”	Grande quantidade	Crônica
19	P. 74	“ O retrato do fim do mundo ”	O Caos	Crônica
20	P. 74	“ Não, esta terra não era a sua e nada podia arrancar de dentro de si o grande amor pelo chão materno ”	Amor à pátria	Crônica
21	P. 74	“ Melodias tristes nasceram [...] Por causa da saudade que nasceu o desejo”	Surgir/criar	Crônica
22	P. 86	“ Salada cultural”	Pluralidade	Título de texto
23	P. 90	“Desse jeito que ficou tão doce ”	gentil	Crônica
24	P. 99	“ Pregar o olho ”	Dormir	Narrativa de Lenda
25	P. 105	“Escrito por estrelas ”	Famosos	Título de texto
26	P. 107	“A humanidade esteve por	Perto do fim	Narrativa

		um fio”		
27	P. 107	“ Um bom pedaço ”		Narrativa
28	P. 110	“ Viver a vida sobre ondas ”		Enunciado de ordem. Sentença afirmativa
29	P. 110	“Jim[...] envenenou seu cortador ”	Turbinou/potencializou	Texto informativo
30	P. 118	“ Colchões de sonho ”	Nuvens lindas	Crônica
31	P. 133	“Quais foram os pontos fracos da organização? ”	Aspectos negativos	Enunciado de ordem. Sentença interrogativa.
32	P. 134	“Eles são decarne e osso ou vivem apenas no mundo da fantasia?”	Real	Enunciado de ordem Sentença interrogativa.
33	P. 134	“Trapalhão de miolos secos ”	Enlouquecido	Título de texto
34	P. 136	“Antes de terminar a leitura, é claro! ”	Lógico/óbvio	Enunciado de ordem
35	P. 136	“[...] a água foi se tornando cada vez mais difícil [...]”	Escassa	Narrativa
36	P. 137	“Aposentos desertos ”	Vazios	Narrativa
37	P. 145	“[...] Mal e porcamente embrulhados”	Característica do animal porco como a sujeira/mal feito	Conto
38	P. 145	“ Casa de morto de fome ”	Miseráveis	Conto
39	P. 145	“ Encheu os olhos de vontade ”	Ficou com inveja	Conto
40	P. 146	“Berrou Joca por tudo quanto foi buraco do corpo ”	Intensidade	Conto
41	P. 155	“Que certamente lhetorraria o cérebro ”	O sol forte queimar a cabeça	Narrativa
42	P. 156	“[...] os maiores heróis e vilões de todos os tempos ”	Mais famosos da história	Enunciado de ordem
43	P. 157	“ A classe decide ”	As pessoas que compõem a turma	Enunciado de ordem
44	P. 162	“Ele se vira para o passageiro ao lado e pede desculpas. Perdeu a cabeça ”	Descontrolou-se	Crônica
45	P. 162	“ De onde pode pular uma máscara de oxigênio e	Cair/assustá-la	Crônica

		matá-la do coração”		
46	P. 174	“E as cores do arco-íris quando pousam no horizonte”	Aparecem no horizonte	Conto
47	P. 174	“ Braçadas de flores”	Muitas flores	Conto
48	P. 192	“- Ah, você está me enchendo”	Irritando	Enunciado de ordem. Sentença afirmativa.
49	P. 201	“Sentem como se os engenheiros estivessem rasgando o coração dos deuses criadores”	Destruindo/ Magoando	Crônica
50	P. 203	“Margens desse velho[...]”	Rio tiete antigo	Crônica
51	P. 203	“[...] percorro a extensão desse rio que rasga teimosamente a cidade”	Divide	Crônica
52	P. 212	“Um fantasma chamado apagão”	Medo chamado apagão	Texto informativo
53	P. 237	“ A doença do planeta azul”	O problema da Terra	Poesia